

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

NAYARA DO VALE MOREIRA

**CONJUNTURA HEBRAICA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO EXÍLICO E PÓS-EXÍLICO**

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,  
2020

NAYARA DO VALE MOREIRA

**CONJUNTURA HEBRAICA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO EXÍLICO E PÓS-EXÍLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva

GOIÂNIA,  
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M838c Moreira, Nayara do Vale.  
Conjuntura Hebraica: uma análise a partir do contexto exílico e pós-exílico  
/ Nayara do Vale Moreira. – 2020.  
63 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,  
Curso de História, Goiânia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva.

1. Hebreu. 2. Judeu. 3. História Social. 4. Exílio. 5. Pós-Exílio. I. Título.

CDD 900



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

**Monografia nº 26 Semestralidade 2020-2**

Autor(a): Nayara do Vale Moreira

Título: Conjuntura Hebraica: uma análise a partir do contexto  
exílico e pós-exílico

**TERMO DE APROVAÇÃO**

O trabalho foi apresentado durante o **I Colóquio de História e Arqueologia** e **XII Semana Científica de História**, realizados entre 07 e 12 de Dezembro de 2020, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos(as) docentes nomeados(as) abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História, considerado Aprovada com conceito A.

(Aprovado, aprovado com ressalvas ou reprovado).

Goiânia, 11 de dezembro de 2020.

Prof(a).: Dr. Valmor da Silva - Valmor da Silva

Prof(a).: Me. Ivan Vieira Neto - I. Vieira

Prof(a).: Dra. Rosemary Francisca Neves Silva - R. Neves Silva orientadora e  
presidente da banca.

I. Vieira  
Visto da Coordenação de Pesquisa em História

Dedico este trabalho a minha tia-avó, Maria Pires Perreira, que mesmo com a sua deficiência auditiva me passava com gestos e seu olhar todo amor e apoio que me transformaram no que sou hoje. As saudades e as memórias são o que nos restam.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria primeiramente de agradecer o Prof. Me. Antônio Luiz por colaborar na minha trajetória acadêmica, seja nas dúvidas, ou mesmo me orientando sobre a escolha do tema do meu trabalho de conclusão do curso. Sempre com muito respeito e com empréstimos de livros, dos quais não tinha acesso e que facilitou muito durante esse processo de escrita. Também gostaria de agradecer ao Coordenador do curso de História e Prof. Me. Ivan Vieira que me auxiliou durante todo esse trajeto acadêmico, do qual vou ser eternamente grata.

E em segundo mas não menos importante gostaria de agradecer minha orientadora Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva, pela paciência e pela compreensão durante esse ano que pra mim se caracterizou por muitas perdas por conta do COVID-19, agradeço imensamente pelo apoio e por me propiciar estar finalizando esta etapa durante esse trajeto.

Quero também agradecer toda a Coordenação de Pesquisa em História, Coordenação da Licenciatura em História, Escola de Formação de Professores e Humanidades, demais Institutos da PUC Goiás, instituições de ensino e pesquisa e/ou campos de estágio externos à PUC Goiás, a instituição de fomento CNPq, que facilitou o desenvolvimento da pesquisa e à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quero por fim agradecer a minha mãe, Luciana Moreira da Silva, a minha companheira e irmã Thaynara do Vale Moreira, a minha avó, Adelaide de Paula Moreira e ao meu pai, Alessandro do Vale Pereira pelo o amor e o carinho depositado a mim durante todo caminho percorrido. Amo vocês!

## RESUMO

Entre os povos do Oriente os hebreus desempenharam no meio religioso um grande impacto para com a humanidade, por meio de uma mensagem monoteísta que perpassou por seus descendentes como Abraão, Jacó e Isaac. A pesquisa propõe tratar sobre circunstâncias e influências que afetaram o povo hebreu no período exílico e pós-exílico, seja em aspectos econômicos, históricos, políticos ou religiosos. Tendo como eixo norteador o Dêutero-Isaías e o Trito-Isaías do século VI ao IV a.C. Analisamos a formação estrutural da sociedade judaica, salientado principalmente em perspectiva de seu núcleo familiar, e destacando a sua importância enquanto instituição religiosa de Israel, e da união do povo por meio da Aliança com YHWH. A hipótese é de que a reestruturação pós exílica, representou para o povo judeu uma forma para prosseguir, tomando ciência das bênçãos e maldições referentes à aliança, Israel adquiriu uma consciência mais viva da força do pecado e da necessidade de reconciliação. Após perder todo patrimônio israelita, sobrando apenas a fé em YHWH, Israel se reencontrou em sua lei sagrada.

**Palavras-chave:** Hebreu; Judeu; História Cultural; Exílio; Pós-Exílio

## **ABSTRACT**

Among the peoples of the East the Hebrews had a great impact on humanity in the religious milieu, through a monotheistic message that passed through their descendants such as Abraham, Jacob and Isaac. The research proposes to deal with circumstances and influences that affected the Hebrew people in the exile and post-exile period, whether in economic, historical, political or religious aspects. Having Dêutero-Isaías and Trito-Isaías as the guiding axis from the 6th to the 4th century BC We analyze the structural formation of Jewish society, highlighted mainly from the perspective of its family nucleus, and highlighting its importance as a religious institution of Israel, and of the union of the people through the Alliance with YHWH. The hypothesis is that post-exilic restructuring represented a way for the Jewish people to continue, becoming aware of the blessings and curses related to the covenant, Israel acquired a more alive awareness of the strength of sin and the need for reconciliation. After losing all Israelite heritage, leaving only faith in YHWH, Israel found itself in its sacred law.

Keywords: Hebrew; Jewish; Cultural History; Exile; Post-Exile

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. CONJUNTURA DO POVO HEBREU.....</b>	<b>16</b>
1.1. Contexto histórico-social	17
1.1.1. Livro Isaías	20
1.1.2 Os três Isaías	21
1.2. Dêutero-Isaías	23
1.3 Trito-Isaías	27
1.3.1. Exílio	30
1.3.2 Pós-exílio	32
1.3.3 Os quatro Cantos do Servo	34
1.3.3.1. <i>Eis o meu servo que eu sustento</i>	35
1.3.3.2. <i>Povos distantes, prestai atenção!</i>	36
1.3.3.3. <i>O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos</i>	37
1.3.3.4. <i>Eis que meu Servo prosperará</i>	38
1.. Nacionalismo judaico	40
<b>2.CONTEXTO DO POVO JUDEU NO PÓS EXÍLIO .....</b>	<b>43</b>
2.1. Contexto Político	43
2.2. Contexto Econômico	48
2.2. Contexto Social	49
2.3. Contexto Religioso	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda a constituição da conjuntura do povo hebreu até a sua instituição religiosa que se concretizou segundo Bingemer (2001) após o período do exílio e pós-exílio na Babilônia. Como fonte utilizamos o livro de Dêutero-Isaías (Is 40-55) que trata sobre exílio babilônico em torno do século (597- 538), e do Trito-Isaías (Is 56-66) foi escrito no período pós-exílio entre 520 a 400 a.C., período esse em que a comunidade judaica se constitui, marcada também pela reconstrução do Templo que foi devastado pela destruição do império babilônico no período exílico. O interesse pelo tema iniciou com a matéria ministrada pelo Prof. Me. Antônio Luiz, Seminário: História do Judaísmo, Cristianismo e islamismo, onde percebi uma escassez na produção da historiografia a respeito do tema, pois se há uma preocupação quase exclusivamente com a história política e econômica dos hebreus, havendo poucas abordagens sobre a vida cotidiana desse povo.

Nos utilizaremos como metodologia a prática de novas perspectivas da escrita da história elucidadas por Burke (1992) que trabalha o conceito de história cultural, onde os primeiros estudos são ao final do século XVIII por volta de 1780. Bunke (1992) nomeia de história cultural “clássica” a fase de (1800-1950), nos traz um panorama da trajetória dessa história apresentado seus problemas, como ater as críticas às fontes. Por meio da História Cultural propõe viabilizar o processo sobre o período exílico onde se pretende destacar a condição do hebreu enquanto escravo, e sua busca por resguardar a identidade étnica e religiosa e as mudanças acarretaram com contato de outros povos (mesmo que indiretamente) no processo de sua evolução histórica. A História Cultural não se limita a estudar só a produção cultural, mas também propõe estudar as peculiaridades da sociedades como um todo, destacando a diversidade cultural das sociedades envolvidas neste meio.

A nossa análise sobre o período pretende destacar a condição do hebreu enquanto escravo, e sua busca por resguardar a identidade étnica e religiosa no período exílico, e quais mudanças acarretaram com contato de outros povos no exílio babilônico. Por meio de passagem no decorrer do Antigo testamento o papel da mulher no judaísmo, sua subjugação em relação ao marido, numa cultura em que as leis têm mais rigor e represálias contra a mulher, com templos onde elas devem se

manter separadas dos homens sem direito a livre manifestação, não tendo a oportunidade de protagonizar sua própria história.

O objetivo desta pesquisa é a compreensão da busca identitária étnica e religiosa dos judeus no exílio babilônico, contexto desta diáspora após a queda dos imperadores da Assíria (733-721 a.C.) e da queda do Reino do Sul sob Nabucodonosor<sup>1</sup> (597-587 a.C.) para o império Persa. Introduziremos o povo hebreu em sua cultura originária para compreendermos os contextos sociais, políticos e religiosos tendo como enfoque o judaísmo tradicional.

Em seguida abordamos sobre a condição do hebreu no exílio em sua busca de identidade étnica e religiosa, que para sustentar e resguardar suas tradições se mantiveram afastados das outras nações, para haver assim conservação da Aliança de YHWH com seu povo. Tratamos também sobre alguns processos de restrições sofridas pelas mulheres durante todo esse processo de transição do período exílico e pós-exílico.

O povo hebreu tenta restaurar a identidade como comunidade resguardando enquanto nação, tendo em vista que foi tudo perdido na destruição de Jerusalém, e segundo Bingemer (2001) teria sobrado assim apenas a fé como representação da aliança com YHWH. Mas com essa tentativa de resguardo, há novos valores recebidos de outras culturas, isso mesmo que indiretamente, e em alguma momento esta fusão chegou a atingir os hebreus tão profundamente aliada a uma estabilidade, que alguns não quiseram regressar a Israel sob a libertação de Ciro. Para o povo hebreu o exílio não é somente deportação para uma terra estranha, mas também para fortalecer a fé com YHWH. Com o exílio trouxe uma aproximação com a religião pois tinha-o como punição pelo não seguimento das leis de YHWH, tendo assim um comprimento mais rigoroso sobre tais.

O trabalho se estrutura da seguinte forma, no primeiro capítulo eu trago uma introdução sobre a conjuntura do povo hebreu por meio de Sarmiento (2011) que narra sobre o patriarca Abraão que segundo a Bíblia teria recebido uma missão que se originou de um encontro com YHWH, que destinava pra si chefiar os povos semitas<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Rei da Babilônia, foi filho de Nabopolassar (625/626-605 a.C.) foi quem inaugurou a dinastia caldéia da Babilônia, do qual provavelmente provinha da aristocracia caldéia das terras do mar. Ele construiu e restaurou muitos templos, para Marduk (deus defensor da Babilônia) e Shamash (deus do sol). Após sua morte, seu filho, Nabucodonosor II sobe ao trono. ( WEYNE, 2010, p. 01)

<sup>2</sup> “Os antigos semitas se originaram dos primeiros falantes da língua proto-afro-asiática falada no sudeste da atual Etiópia que em c. 8000 A.E.C., saíram da região devido à ausência de comida para o

e migrar em direção a Canaã, a “Terra prometida” quando foi erguido o Reino de Israel e as suas províncias, como a Judéia e Samaria, que por sua localização geográfica passaram a ser alvo de outros impérios que compunham a Mesopotâmia. Dentre esses impérios se destacavam o babilônico e os assírios, que se beneficiaram assim como outros povos que chegavam ao poder.

O território de Israel explica Andrade (1955) sendo um pequeno país localizado na Ásia Ocidental. “Encerrando uma área de 2.184.000 km , [...] e estende-se em formas semicirculares entre o Golfo Pérsico e o Sul da Palestina”(ANDRADE, 1955, . 46). Essa região se caracteriza por uma série de lutas entre as tribos nômades do deserto e os habitantes das serranias e as tribos nômades do deserto. E essa região conhecida como Mesopotâmia ("entre rios"), “os rios Tigre e Eufrates cercam esse misterioso território, ocupado, atualmente, pelo Iraque”(ANDRADE, 1955, . 46), e que se estendiam duas grandes civilizações: ao sul, a Babilônia; e ao norte a Assíria.

De conformidade com a árvore genealógica de Sem, os israelitas são descendentes de Héber. O território judaico, por esse motivo, era conhecido, ainda, como Terra dos Hebreus. Nesses rincões, os santos patriarcas forjaram a nacionalidade hebraica e deram corpo e colorido ao seu idioma. A palavra hebreu, entretanto, segundo alguns exege-tas, pode significar, de igual modo, "o que vem do outro lado, ou do além". Trata-se de uma referência à peregrinação abraâmica, de Ur a Canaã. Todavia, preferimos a primeira explicação, por estar mais de acordo com os reclamos da língua hebraica(ANDRADE, 1955, . 48).

Andrade (1955) esclarece que no século XV a.C sobre o comando de Josué<sup>3</sup>, os israelitas tomaram Canaã, e que essa foi nomeada como a Terra de Israel. Depois do “cisma do reino salomônico, essa nomenclatura passou a designar, apenas, as terras ocupadas pelas 10 tribos do Norte, comandadas pelo idolatra e profano Jeroboão” (ANDRADE, 1955, p. 48). Após a derrota dos cananeus, Josué passou a dividir a Terra Prometida, ficando para a tribo de Judá uma herança de terras localizadas ao sul, conhecida como Terra de Judá. “Contudo, após o cisma do reino

---

gado que criavam, chegando em c. 7000 A.E.C. até os limites do semicírculo 6 da região do Crescente Fértil 7 . Posteriormente, migraram em direção ao Nordeste do Levante 8 , onde se estabeleceu a língua proto-semítica em c. 5500 A.E.C<sup>9</sup> . Houve nova migração de semitas do Levante Norte para a região de Kish, a 15 km de distância da Babilônia, quando se formou durante o período de Jemdet Nasr (c. 3100 – 2900 A.E.C), o primeiro Império Semítico (c. 3000 A.E.C.), dando origem aos semitas orientais” (AGUIAR, 2019, p. 373).

<sup>3</sup> Filho de Num, chefe da tribo de Efraim. Foi nomeado por Moisés para ir à conquista da terra de Canaã, à frente do povo de Deus. Para tal fez o rio correr para o lado de sua origem, indo às águas para a parte do mar Morto. Depois da passagem, começou sua expedição pela tomada de Jericó, cujas muralhas caíram ao som das trombetas. Depois tomou Ai, e ao término de todas essas conquistas Josué distribuiu para o povo de YHWH a terra de Canaã e morreu (SARMENTO, 2011. p.150).

davídico, ocorrido no ano 931 a.C, essa designação passou a incluir, também, as terras ocupadas pela tribo de Benjamim”(ANDRADE, 1955, p. 48). E com o fim do cativeiro babilônico, em 538 a.C. o povo de Judá retorna a suas terras sob comando de Zorobabel. E sobre a liderança de Neemias, e inspirados pela erudição de Esdras, ouve assim o “fervor profético de Ageu e Zacarias, os judeus organizam-se nacionalmente”(ANDRADE, 1955, p. 48). A partir dessa reconstrução da soberania hebraica, os domínios passaram a ser chamados como Terra de Judá. E, seus habitantes conseqüentemente denominados de judeus.

Andrade (1955), argumenta que "Jerusalém" tem por significado em hebraico como habitação de paz. Seu nome é citado em Josué (10.11) pela primeira vez nas escrituras. “Em Gênesis 14.18, encontramos uma referência sobre a cidade, que aparece com o nome de Salém”(ANDRADE, 1955, p.100). Segundo a tradição, era assim chamada a capital judaica.

Jerusalém constitui-se na mais célebre cidade do mundo. É venerada por três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Até mesmo sua localização geográfica é privilegiada. A cidade santa está localizada no Sul da cordilheira central de Israel. Encontra-se a mais de 50 quilômetros do Mediterrâneo. Como símbolo de grandeza e magnitude, está edificada a 800 metros de altitude. Com o passar dos tempos, seus aspectos primitivos sofreram alterações.

Sob o domínio babilônico ocorreu o primeiro exílio no século VI a. C, o imperador Nabucodonosor vai contra o rei Joaquim<sup>4</sup> que se rebela contra o pagamento de tributos para o império. E coloca em seu lugar o tio de Joaquim, Sedecias<sup>5</sup> que da mesma forma vai contra as altíssimas cobranças de tributos, o que nos leva para a segunda deportação, que traz com ela a devastação de Jerusalém e a destruição do Templo, nesse período destacou sobre as permanências e evoluções dos hebreus por meio do contato com outras culturas no exílio.

Em seguida apresentamos no segundo capítulo o período pós-exílio, quando o rei Ciro derrota os Babilônios em meados de 539 a.C. e permite o retorno dos deportados a Jerusalém, contribuindo com a reconstrução do Templo. Entre o povo

---

<sup>4</sup> Filho mais velho de Josias (o herdeiro por direito), Eliaquim, o qual foi nomeado por Neco como Joaquim (2Cr 36,4). Não se sabe ao certo o ano em que ele começou a reinar. Alguns estudiosos situam a sua adesão em 609 a.C., o que seria mais coerente. Pois, partiram do pressuposto que o ano de Tishri (uma datação de outono a outono) foi usado pelo escriba Judeu para registrar este período, e que os governos dos reis nativos e estrangeiros foram registrados nessa base( WEYNE, 2010, p. 02).

<sup>5</sup> Tio de Joaquim, Matanias, que é o terceiro filho de Josias. Por ordem de Nabucodonosor, Matanias modifica o seu nome para Sedecias (2Rs 24,17)( WEYNE, 2010, p. 04).

exilado apenas alguns retornam para Jerusalém, visto que o restante quis permanecer, pois já haviam se constituído naquele lugar.

Refletimos assim sobre a monolatria hebraica, que segundo Reimer (2008) devemos nos atentar, pois se desenvolve dentro de seu contexto histórico, social e político. O monoteísmo enquanto um sistema religioso, teve sua construção em meio ao período histórico dos séculos IV e V a.C. A sua formação se deu por meio da miscigenação cultural composta por expressões simbólicas de outros grupos que se constituíam no Oriente Próximo. Trata-se sobre um processo gradual da idéia da adoração exclusiva de apenas uma divindade, pelo nome de YHWH. Processo esse pautado em exigências efetuadas pelos personagens dominados de “profetas”.

Típicos para essa forma de postura são as figuras proféticas de Elias (1 Reis 19), de Oséias (ver especialmente Oséias 1 a 3), mas também de Jeremias e de Ezequiel. Essa exigência de adoração a uma só Divindade em meio a uma pluralidade de deuses é chamada de ‘monolatria’. Segundo a intencionalidade do chamado profético, a prática da adoração exclusiva deveria servir de elemento distintivo da pertença à comunidade religiosa dos fiéis desta divindade específica em meio ou ao lado de outras opções possíveis. Há várias fases de desenvolvimento desta idéia da adoração a um só deus. Trata-se de um processo de discernimento e de construção de um ideário e sua gradual inserção no imaginário coletivo do povo hebreu (REIMER, 2008, p 68-69).

Houve segundo Nakanose; Pedro (2004) uma rivalidade entre os que haviam permanecido durante o exílio e entre os deportados que se tinham como os verdadeiros donos daquela terra, visto que entre eles havia uma preservação da Lei que foi adotada com mais rigor durante a deportação, segundo Gass (2004) já entre aqueles que permaneceram havia uma miscigenação entre esses diferentes povos o que conseqüentemente gerou uma diversificação em seu meio social. Na segunda parte são privilegiadas as contribuições e polêmicas em torno da história formativa da ideia da monolatria e do monoteísmo até se tornar marca identitária do povo judeu.

Evidenciamos ainda o processo de adaptação do novo império instaurado em Jerusalém, envolvendo questões políticas como o processo de arrecadação de tributos exercida pelo império que tenta conciliar com o sacerdócio de Jerusalém, e esse custeava o Templo. Fechamos a pesquisa expondo sobre o contexto político, econômico, social e religioso desse povo para viabilizar o processo sobre a sua busca por resguardar a identidade étnica e religiosa e no processo de sua evolução histórica propondo estudar as peculiaridades das sociedades como um todo, destacando a diversidade cultural das sociedades envolvidas neste meio.

## 1. CONJUNTURA DO POVO HEBREU

Neste trabalho é pretendido caracterizar o judaísmo tradicional em sua cultura originária (povo hebreu), quanto ao seu surgimento. Utilizando como fonte a Torá, a Bíblia é apenas o Pentateuco, tendo em vista sua importância para a constituição do povo judeu. Mesmo que de forma breve sobre a constituição do povo judeu, enquanto instituição religiosa propriamente constituída, que aparece depois do grande exílio da Babilônia de acordo com a Bingemer (2001). Para Sarmento (2011) o judaísmo tradicional do povo hebreu é de origem semita (os semitas compreendem dois importantes povos: os hebreus e os árabes) vindo do hebraico Sem, referência ao nome do filho mais velho Sem<sup>6</sup> do profeta Noé.

O foco deste trabalho é o povo hebreu no exílio babilônico (586 a 538 a.C.) em meados do século VI a.C., onde acontecia o declínio da Babilônia e a ascensão do rei do Primeiro Império Persa, Ciro, e no período pós-exílico com a instauração da instituição judaica através da reconstrução do Templo e da Lei, isso por meio do retorno dos deportados narrado pelo livro Trito-Isaías (Is 56-66) escrito entre 520 a 400 a.C. Primeiramente nos utilizaremos do livro Dêutero-Isaías do Antigo Testamento cuja narrativa sobre o exílio inicia no capítulo 40 e estende até o capítulo 55, apresentado por um profeta anônimo que não se dirige aos habitantes de Jerusalém, mas sim aos exilados que se encontram na Babilônia (Is 40,3), apresentando as mensagens de consolo e de encorajamento<sup>7</sup>.

Por meio desse primeiro capítulo trabalho primeiro sobre a conjuntura do povo hebreu, tratando sua constituição enquanto grupo nômades, em seguida trabalho sobre o livro de Isaías com enfoque no Dêutero-Isaías (Is 40-55) que trata sobre o período exílico onde tento evidenciar sobre a tentativa de resguardo cultural aplicado pelos hebreus para manterem a Aliança com YHWH, e trago também o Trito Isaías (Is 56-66) que narra sobre o período pós-exílico e eu tento tratar sobre o retorno do exilados para Jerusalém, que por meio do rei Ciro, que ganha do império babilônico aprova o retorno desse povo. Tento tratar assim sobre esse choque entre essas

---

<sup>6</sup> Filho primogênito de Noé. Viveu seiscentos anos. Retirou-se para o Oriente, quando se fez a repartição entre Cam e Jafé, seus irmãos. Gn 10.1. (SARMENTO, 2011. p. 237).

<sup>7</sup> "O Dêutero-Isaías (Is 40-55) possivelmente reflete os problemas que os exilados viveram no final do exílio, isto é no século VI a.C., entre os anos de 550- 540, período em que acontecia o declínio neobabilônico e o provável surgimento da Pérsia, uma nova potência" Silva, 2014, p.18.

diferentes culturas, como os deportados e aqueles que permaneceram durante o exílio.

### 1.1. Contexto histórico-social

O povo hebreu segundo Castro (2008), assim como a maioria dos povos do Oriente, eram constituídos por agricultores<sup>8</sup> de origem semita que habitavam na Mesopotâmia no final do segundo milênio a.C. Eles eram monoteístas<sup>9</sup>, caracterizando uma aliança de YHWH com o “Povo escolhido”, momento este marcado pela revelação feita ao patriarca Abraão. Aliança essa que interferia em todas as nuances da vida destes, como por exemplo a escolha de seus líderes. Os hebreus inicialmente se dividiam em tribos, conforme o número de filhos de Jacó (doze), e suas tribos se subdividiam em famílias, a organização política e social girava em torno desse *status quo* (GASS, 2016, 65).

O âmbito familiar sempre se manteve patriarcal, se tem a preponderância do homem na organização social, com o propósito de qualificação de senhor (*baal*) da casa, dos filhos e da esposa. No modo da estrutura familiar

O pai dispunha dos filhos e filhas, sobretudo quando estava em jogo a questão da sobrevivência da família. Aqui entendemos sobrevivência não só em termos econômicos, mas também quando a honra [...], o pai poderia “vender” um filho ou filha a fim de saldar uma dívida ou adquirir dotes (BINGEMER, 2001, p. 253).

O conhecimento acerca desse povo vem principalmente das informações e relatos bíblicos, como Abraão<sup>10</sup> que foi chamado de hebreu na primeira aparição do

---

<sup>8</sup> Que viviam do pastoreio de ovelhas, cabras, do plantio de uvas e outros produtos.

<sup>9</sup> (Mono = um, théos = deus) crença em um único Deus que perpassa toda Bíblia, tanto no judaísmo como no cristianismo. (SARMENTO, 2011. p. 182).

<sup>10</sup> Nascido em Ur, era filho de Tera e tio de Ló, emigrou com seu pai e sobrinho para Harã. “Depois da morte de Tera, Abraão e Ló partiram, por ordem de Deus para Canaã, a terra prometida. Estando em Canaã, ele, sua esposa Sara e o sobrinho Ló foram obrigados, em razão de uma fome que atingiu a região, a irem ao Egito. Por ordem do faraó, tiveram de partir assim que foi descoberta a traição de Abraão, que apresentou sua esposa como irmã. De volta, em Canaã, ele e Ló se separam. Quando Ló foi preso, Abrão o libertou. Ao retornar, foi abençoado por Melquisedeque, sacerdote e rei de Salém, a quem pagou dízimo. Sua esposa Sarai era estéril, mas Deus lhe prometeu descendência mais numerosa do que as estrelas do céu, substituindo seu nome para Sara. Três homens (Deus e dois anjos) visitaram Abraão e renovaram a profecia de um filho e a destruição de Sodoma e Gomorra. Abraão intercede em vão pelas duas cidades. Após o nascimento de seu filho Isaque, mudou-se para Gerar, onde fez sua aliança com o rei Abimeleque. Sua fé e obediência foram testadas por sua prontidão em oferecer a Deus o sacrifício de seu filho Isaque, no que foi impedido. Após a morte de Sara, não quis que Isaque se casasse com nenhuma mulher de Canaã. Foi quando surgiu Rebeca, localizada na Mesopotâmia por um servo de Abraão. Abraão morreu aos 175 anos e foi sepultado ao lado de Sara. Teve ainda seis filhos de outra esposa, Quetura” (SARMENTO, 2011. p. 17).

termo na Bíblia (Gn 14,13), e das pesquisas arqueológicas e obras históricas de judeus. De acordo com Perondi (2011) em 1947, foi possível obter mais informações sobre os hebreus com o descobrimento de pergaminhos em cavernas às margens do Mar Morto, era inicialmente um pequeno grupo de pastores nômades, organizados em clãs ou tribos, chefiados por um patriarca. Kramer (1997) nos explica uma melhor compreensão do Antigo Testamento por meio das descobertas arqueológicas, como a dos manuscritos no Mar Morto, que estavam escritos em hebraico, aramaico e grego, produzidos entre o século II a.C. e 70 d.C., sendo esses documentos de extrema importância para a História de Israel.

De acordo com Negro (2012), os hebreus chefiados por Abraão deixaram a cidade de Ur, na Mesopotâmia, movidos pela aliança e se fixaram na Palestina (Canaã a Terra Prometida), uma pequena faixa de terra que se estendia pelo vale do rio Jordão, por volta de 2000 a.C. Governados por patriarcas, os hebreus viveram na Palestina durante três séculos, e seus principais patriarcas foram Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e Josué.

Por volta de 1750 a. C. a Palestina foi atingida por uma seca, e de acordo com a autora Grahl (2002) fez com que os hebreus deixassem a região e buscassem melhores condições para sobreviverem no Egito. Permaneceram no Egito, cerca de 400 anos, até serem perseguidos e escravizados pelos faraós, sendo mais tarde liberados pelo patriarca Moisés, os hebreus abandonaram o Egito em 1250 a.C., retornando à Palestina, a saída do povo hebreu do Egito é denominada como Êxodo.

E de acordo com a Bíblia, foi durante o êxodo dos hebreus, que Moisés recebeu de YHWH a tábua dos Dez Mandamentos, quando atravessavam o deserto do Sinai. E a partir daí os hebreus passaram a adorar a um só deus YHWH adaptando o monoteísmo, que (2007) “trata-se de um processo de [...] construção de um ideário e sua gradual inserção no imaginário coletivo do povo hebreu” (REIMER, 2007, p.69). O Êxodo é não apenas a saída, é a libertação do cativo, e o retorno à terra prometida, que o povo eleito reafirma sua aliança com YHWH, “A fé, para o povo de Israel, é fidelidade a uma eleição, uma Aliança, a uma Lei, é a obediência ao chamado de Deus e a seus mandamentos” (BINGEMER, 2001, p. 230).

Para que possamos compreender o exílio devemos voltar ao século VIII, que de acordo com Schwantes (2007) os povos assírios que vinham da Mesopotâmia da

região mais fértil ao norte, planejavam reassumir seu projeto de instalar uma soberania internacional. Assumiram importantes cidades próximas ou ligadas a portos, como Damasco, parte do território de Israel, anexaram Samaria e dizimaram Judá, se aproximaram de conquistar Jerusalém, conquistaram a Palestina e partiram para o Egito que fora conquistado nas primeiras décadas do século VII, sendo assim de 700 até 650 a.C. o cume da dominação dos assírios. Os primeiros a se oporem e reagir contra tal dominação foram os egípcios, que expulsaram os assírios de suas terras, e se opunham à supremacia assíria nas áreas ocupadas da Palestina. Não apenas os egípcios se colocaram contra tais ocupações como também os babilônios, que ocupavam uma área fértil entre os rios Tigre e Eufrates.

Ainda de acordo com o Schwantes (2007), pouco a pouco a dominação assíria foi sendo deteriorada, pela pressão tanto dos egípcios como pelos babilônios, levando assim a ruína dos assírios. Os egípcios e os babilônios se tornaram aliados, mas tal aliança não se manteve ao se definir quem iria tomar posse no seguimento do controle dos territórios que anteriormente pertenciam aos assírios. Para a Palestina a disputa para seu predomínio teve resultados cruciais, os babilônios conseguiram se firmar, mas não puderam apoderar-se do Egito que se manteve independente e com uma possível ameaça.

Schwantes (2007) destaca que para os exércitos egípcios ter Judá como aliada era de extrema importância por ser um território de abastecimento de suas tropas, sendo uma área que oferecia água e comida depois de passarem por regiões de terrenos hostis e severos, e por isso os faraós mantinham uma boa aliança com os reis de Jerusalém. A localização estratégica de Judá é tida como a causadora de seu arrasamento e da deportação.

A situação nacional de Judá se encontra ora em posse do Egito ora da Babilônia, chegando a introduzir soberanos em Jerusalém. Com a reforma josiânica<sup>11</sup> em 622 a.C. Jerusalém se torna o centro de culto e simbólico, porém nem todos concordam com tal centralização.

### **1.1.1. Livro Isaías**

---

<sup>11</sup>A reforma josiânica: Destruição e deslegitimação de lugares de culto de divindades da fertilidade (II Rs 23,4-20) a partir do VII século A.E.C.

O nome Isaías (760 a.C.) advém de “Javé é salvação”, mas pouco se sabe sobre a sua vida pessoal, filho de Amós (1,1) seu nascimento ocorreu no reino do Sul em Judá, dentre o reinado de Ozias (781-740 a.C.). Isaías tinha uma constituição cultural típica de Jerusalém, ocupando o cargo de

[...]profeta do Templo e conselheiro do rei (2Rs 19,1-7). Esse lugar social, com suas tradições religiosas, delineou a vida, as opções e a mensagem do profeta. Grande parte de sua pregação era baseada na escolha divina de Jerusalém e na eleição da dinastia davídica, princípios teológicos fundamentais, reflexo da fé que o sustentava (NAKANOSE; PEDRO, 1999, p.10).

Em 740 a.C. Isaías recebeu um chamado profético de YHWH, e logo em seguida se casou, tendo dois filhos. A data de sua morte é indefinida, mas se estima que tenha sido após a morte de Ezequias, em 607 a.C. “Era um dos profetas oficiais, conselheiro do rei, não adepto de revoltas e lutas por mudanças mais radicais (3,1-9). O que não significa que apoiasse as injustiças e a corrupção das classes altas” (NAKANOSE; PEDRO, 1999, p.11).

O livro Isaías é dividido em três partes, narrando três situações geopolíticas que Judá enfrentava, a guerra sírio-efraimita (735-732 a.C.), a movimentação anti assíria contra o rei Sargão II (c. 714-711 a.C.) e a participação de Ezequias na revolta contra Senaqueribe (c. 705-701 a.C.), sendo o primeiro livro Proto-Isaías (1-39) em seguida o Segundo Isaías também chamado de Dêutero-Isaías ou “Livro da Consolação” (40-55) e por último o Trito-Isaías (56-66). A segunda parte do livro Isaías foi escrita por um profeta anônimo, que adota uma ordem literária, doutrinal e histórica, sua narrativa não vinha de sua própria vontade, mas diretamente de YHWH (Is 6,1-13) (SALIBA *et al*, 2010).

O livro de Isaías, assim como o livro de Ezequiel, Jeremias e o livro dos doze Profetas tem-se por nome de “Profetas posteriores” na Bíblia hebraica e chega a cobrir um período de cerca de três séculos. O contexto desse capítulo se compõe no exílio babilônico séc. VI, onde o profeta se dirige aos exilados que se encontram na Babilônia, porém com o declínio da Babilônia e a subida do rei Ciro ao poder e levada a esperança ao povo judeu.

### **1.1.2. Os três Isaías**

O livro de Isaías segundo Silva (2014) e dentre os livros proféticos da Bíblia de maior dimensão, contendo 66 capítulos, com duas divisões de 39 e 27, no século XI, que houve a percepção de que o livro de Isaías era composto de partes distintas, porém há entre elas também relações. Em 1788 Döderlein (1789) enfatizava essa distinção. Ainda de acordo com Silva (2014) os estudos de Duhm (1892), apresentaram argumentos para se distinguir três grandes partes: ao período do exílio babilônico e à época pós-exílica. Se generalizou-se o modo de referir-se a elas como Proto (ou Primeiro) Isaías (Is 1-39) século VIII a.C., Dêutero (ou Segundo) Isaías (Is 40-55) século VI a.C; e Trito (ou Terceiro) Isaías (Is 56-66), século V a.C.

Lourdes (2019) argumenta que o primeiro Isaías aborda em um primeiro momento sobre o tema juízo através da santidade de YHWH e da fé; em seguida destaca o povo no exílio babilônico e menciona Ciro (Is 44,28; 45,1), rei persa, que começou a aparecer no cenário internacional por volta de 550 a.C. apresentado o tema do anúncio de salvação, posto em contraposição a adoração de ídolos, por meio da ideia da unicidade de YHWH; em terceiro esclarece sobre o fim do exílio babilônico e refere-se à comunidade pós-exílica, explicando ambos os temas (juízo, salvação), isso com práticas penitenciais que ressaltam também o valor do sábado e da obediência à aliança.

O Proto-Isaías (Is 1-39) parte mais antiga do livro de Isaías, foi escrito em grande parte em Judá, pela comunidade do profeta de forma poética, trabalha vários gêneros literários “oráculos (17,1-6), poema (5,1-7), relato biográfico (6,1,13), parábola (28,24-29, sátira (3,16-24), narrações históricas (36-39), apocalipses (24-27;34-35) etc. (NAKANOSE; PEDRO, 1999, p.13)”. Segundo Silva (2014) trata sobre um período de devastação sobre o território de Jerusalém, durante o cerco do rei Nabucodonosor, e pela Guerra de Siro-Efraimita (734-732) que

[...]deveu-se a uma união entre Damasco e Israel para convencer Judá a formar uma coalizão antissíria. Mas a recusa de Judá e a solicitação da intervenção do poder da Assíria pôs fim à coalizão, deu início ao processo de desintegração do Reino do Norte através de deportações e levou à sua anexação definitiva como província assíria em 722/721 (GOMES, 2014, p.02).

O primeiro capítulo do Proto-Isaías se situa no período histórico dos governos de Ozias e Joatã (740-736 a.C.), momento esse em que Judá vivia um período de “independência, prosperidade e paz”, já o segundo trata sobre o reinado de Acaz (736-716 a.C.), na época da guerra siro-efraimita (734-732).

O terceiro capítulo traz sobre os primeiros anos do governo de Ezequias, que trata sobre o movimento antiassírio (727-711 a.C.), “dando sequência a essa situação de guerra, temos no quarto capítulo o cerco de Jerusalém, que corresponde à segunda parte do governo de Ezequias (705-701 a.C.). Aqui se encontra a situação de guerra e a quase destruição de Jerusalém” (NAKANOSE; PEDRO, 1999, p.21).

O Dêutero-Isaías (Is 40-55) se compõe por uma literatura poético-profética que se estende dos capítulos 40 a 55, que retrata sobre “as condições de vida e a experiência de fé de grupos empobrecidos e escravizados durante o exílio na Babilônia entre os anos 550 e 540 a.C.” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.9), se tem uma sucessão de oráculos proféticos quase sem interrupção com acrescentamentos mais recentes. De acordo com Schwantes (2007) o profeta dá ênfase no poder da palavra, a importância de Jerusalém, e acima de tudo os Cânticos do Servo sendo esses quatro poemas que têm como protagonista o Servo do Senhor que seriam todos aqueles adoram a palavra de YHWH, mas também indicam o Servo ao povo escravizado no exílio que responde ao chamado do Senhor, que desperta a esperança da libertação.

A partir de 539 a.C., o sonho começa a se tornar realidade. Surge uma luz no final do túnel. Ciro, rei da Pérsia, é acolhido como “enviado” de Javé para libertar seu povo (45,1-7). Ele conquista a Babilônia e permite a volta das exiladas e dos exilados (Esdras 1,1-11), e a reconstrução do Templo de Jerusalém, financiando suas obras (Esdras 6,1-12) (NAKANOSE; PEDRO e TOSELI, 2014, p.12).

O Templo é reaberto em 515 a.C. marcando assim para o povo a constituição simbólica para o povo judeu que passa a dividir com outros grupos a terra. Não havia mais um rei, mas sim sacerdotes que controlavam a colônia. “Em troca da aparente liberdade religiosa e cultural, Judá se torna um importante aliado contra o Egito e uma fonte de tributos para o império” (NAKANOSE; PEDRO e TOSELI, 2014, p.12).

O Trito-Isaías (Is 56-66) foi escrito no período pós-exílio em torno de 520 a 400 a.C., momento provável em que Jerusalém já estava reerguida e a comunidade judaica estavam organizados no poder religioso, isso em torno do Templo e da Lei. E esse poder é controlado por sacerdotes e escribas que “[...]fazem de acordo com os interesses tributários do império persa. Eles se consideram escolhidos de Javé” (NAKANOSE; PEDRO e TOSELI, 2014, p.15). O sacerdote tinha por função reger o culto, já os escribas tinham por função interpretar a lei e realizar a orientação sobre o povo, função essa que exercia grande poder e controle sobre o povo por meio da

mentalidade da “teologia da retribuição”. Judá se constitui assim em momento de opressão política do império persa a elite religiosa judaica

A teologia da retribuição está baseada no princípio de troca entre o cumprimento da Lei e a recompensa da salvação. A riqueza é sinal da bênção de Deus; a pobreza é o castigo de Javé por causa do pecado, e exige reparação no Templo através da realização de sacrifício e a entrega de ofertas (NAKANOSE; PEDRO e TOSELI, 2014, p.15).

Neste sentido a teologia da retribuição representa a fidelidade a YHWH como sendo completamente gratificada com bênçãos, e a infidelidade traria castigo com sofrimento. Dessa forma podemos observar que essa gratificação divina se estende a uma dimensão material, a medida em que o fiel passa a cumprir a Lei divina ele passa a desfrutar inclusive, de prosperidade financeira. Através do livro Dêutero-Isaías e Trito-Isaías, que se situam ao final do exílio e o pós-exílio, trazemos na primeira seção um atributo de consolo direcionado ao povo exilado na Babilônia em meio ao sentimento de abandono ou de punição pelos pecados atribuídos pelo não seguimento da Lei Divina; na segunda seção marca o povo em processo de reconstrução, descrevendo as condições que se instauram ao regressarem para Jerusalém após sua libertação no pós-exílio.

## **1.2. Dêutero-Isaías**

A estrutura do Dêutero-Isaías é composta pela introdução de algumas características, como nome, local e data do acontecimento profético, sendo em seguida trabalhado sobre o meio de crise em que se insere a Babilônia.

Os grupos mais pobres, dentre eles o das exiladas e exilados judeus, sofrem mais, pois sobre eles recaem as pesadas taxas e tributações que sustentam o palácio, os templos e as guerras imperialistas (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.19).

Na terceira parte é evidenciado sobre a compaixão de YHWH em meio a opressão, miséria e caos, o povo se renova e busca a expectativa que um dia YHWH irá nos libertar do exílio. “O povo percebe que o sentido da aliança de Javé com o seu povo está na prática da justiça e da solidariedade. [...] a comunidade do Segundo Isaías propõe como modelo de reconstrução da nova Jerusalém o projeto da sociedade tribal” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.19).

O livro de Dêutero-Isaías (40-55), também conhecido como Segundo Isaías ou Isaías Júnior, descreve sobre “experiência de fé de grupos empobrecidos e

escravizados durante o exílio na Babilônia, entre os anos de 550 e 540 a.C.” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.09). Em 597 a.C. o rei Joaquim (598-597 a.C.) de Judá, teria se recusado a pagar tributos a Babilônia, assim como seu pai. Como resposta o imperador Nabucodonosor mandou que se cercasse Jerusalém para em seguida atacar (2 Reis 24,10-11).

A vida em Judá, portanto, continuou, naturalmente, sob outras condições políticas e sociais. Não há dúvida de que houve um empobrecimento do país, dizimado por soldados em campanhas, pesados tributos pagos ao centro imperial (Babilônia) e provavelmente o recrutamento de militares para o exército invasor (CROATTO, 1998, p.23).

Foram assim levados o rei e os de mais alto escalão de funcionários da corte, assim como militares e a elite governamental do país, além de ser apanhado pelo imperador, todas as riquezas do templo de Jerusalém para Babilônia. As pessoas da primeira deportação desfrutaram em colônias um governo de tolerância, podendo exercer seus costumes e realizar suas reuniões (Ezequiel 8,1-14,1-20,1). “Posteriormente alguns judeus chegaram a ocupar cargos na administração da corte. Esse grupo acreditava que o retorno a Jerusalém seria breve” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.11).

O interesse em controlar a terra de Judá se deve ao fato de seu território ocupar uma posição estratégica entre grandes impérios. Certamente essa posição estratégica foi a causa principal da destruição e deportação. Judá foi como que eliminado pelo tiroteio entre duas potências. É que, tanto o Egito como a Babilônia, lutavam pelo controle do corredor de passagem entre os vales férteis do rio Nilo, na África, e dos rios Tigres e Eufrates na Mesopotâmia. (GASS, 2016, p.168).

Para governar Judá, foi imposto por Nabucodonosor o rei Sedecias, tio de Joaquim. Sedecias após 10 anos (597-587 a.C.) e movido por sua corte descontente com o império babilônico, se revolta contra Babilônia não efetuando o pagamento de tributo ao imperador.

A repressão [...] foi mais violenta, pois era a segunda vez que Judá desobedecia ao império babilônico. Nabucodonosor vem com todo o seu exército e cerca Jerusalém, impedindo a entrada e a saída das pessoas: “A cidade ficou cercada (...). A fome apertou na cidade, e povo não tinha nada para comer” (Reis 25,2-3) (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.12).

Ainda de acordo com o autor, após um cerco de um ano e meio, o exército babilônico entra em Jerusalém, destrói o templo, saqueou e incendiou tudo como o altar de sacrifícios e a cidade, fazendo com que os filhos do rei Sedecias fossem degolados a mando de Nabucodonosor, e o rei de Judá foi levado para Babilônia. Essa segunda deportação contou com pessoas mais simples, como sacerdotes

levitas, ajudantes, comerciantes da cidade, agricultores (2 Reis 25,11,12).” As pessoas deportadas são tratadas como escravas, obrigadas a trabalhos forçados, vivendo em prisões” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.13).

A Babilônia nomeia o judeu Godolias (filho de Aicam e neto de Safã) para governar Judá, que se via em total submissão para manter sua sobrevivência, pois não possuíam requisitos para enfrentar tal poder de opressão, Jeremias como mensageiro de grupos do interior, se une a Godolias para tentar organizar a população que permaneceu em Judá. E devagar se foi reconstituído o povo “[...]sem rei e sem Templo, redistribuem as terras, conforme as necessidades de cada uma, plantam vinhas e grão, e chegam a fazer abundante colheita (Jeremias 27,12)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.14).

Foram deportados por Nabucodonosor no máximo de 10 a 15% da população da cidade, pois não era do interesse da Babilônia desabitá-la, sendo essa região um tipo de base militar para deter o avanço do império do Egito. Além disso, o império babilônico tinha interesse em fazer de sua colônia uma fonte de renda *é/e* tributo” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.14). Os deportados foram agrupados com os que já viviam na Babilônia, e Jerusalém ficou apenas em ruínas.

Havia-se a distribuição de três grupos: os exilados que esperavam a libertação e retorno do rei Joaquim que permanecia na Babilônia; os que deram todo apoio ao projeto de Jeremias e Godolias, que se mantêm submetidos a Nabucodonosor; e os que se refugiaram juntamente ao rei Amon (Jr 40,14;41,10).

Pertencem a esse terceiro grupo os comandantes dos exércitos, que não haviam sido deportados, e que não concordaram com a política de submissão de Godolias a Nabucodonosor. Certamente suas terras haviam sido distribuídas aos pobres do povo. Além disso, seu líder era da família real (2Rs 25,25). Eram nacionalistas e defendiam a dinastia de Davi. Godolias, além de ter sido colocado no poder pelos babilônios, sendo-lhe submisso, além de ter uma escolha babilônica com ele, não era da família de Davi. Tinham, portanto, muitas razões para estarem indignados (GASS, 2016, p.174).

Vemos assim que os babilônicos aplicaram sobre Judá uma estratégia de dominação baseada em demonstração do poder militar, sobre a aplicação de impostos anuais, em caso de conspiração havia intervenção militar era substituído o rei por outro fiel ao império.

Em caso de nova insurreição, havia uma definitiva ocupação militar, eliminando o rei vassalo e autonomia política do estado, que era transformado em província do império. A nobreza e os militares eram exilados. Muitas vezes, como no reino do Norte (2Rs 17,24), elites estrangeiras substituíram as classes dirigentes deportadas (GASS, 2016, p.170).

A constituição do projeto para organização do povo desenvolvido por Godolias o faz ser morto por opositores monarquistas por volta de 582 a.C., por medo da represália da Babilônia muitos fugiram para o Egito, inclusive Jeremias, seus últimos escritos foram de lá (2 Reis 25,22-26; Jeremias 52,15). Na terceira deportação naquele ano “[...] informada por Jeremias (Jr 52,28-30), [...] provavelmente foram levados menos de mil pessoas” (GASS, 2016, p.174), o que somando com as três deportações foram menos 15 mil pessoas da população de Jerusalém.

Voltando ao tema central que são os deportados na Babilônia que forma o Dêutero-Isaías, essa profecia surge provavelmente em 540 a.C., advinda das pessoas (pequenos proprietários, artesãos, sacerdotes levitas) da segunda exportação. Os levitas são como uma espécie de evangelizadores que “[...] desde a formação de Israel, estão ligados à organização do povo e ao ensinamento da tradição da Lei do Deus da vida (Deuteronômio 23,25-26)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.16).

No período do Dêutero-Isaías o império se depara com problemas tanto internos como externos, como guerras com outros países, seja para haver uma expansão territorial para obtenção de poder. Já internamente o país enfrentava uma crise religiosa e econômica, enfraquecendo a base governamental. “Há uma disputa religiosa entre o sacerdote do deus Marduk, divindade suprema no panteão dos deuses, representado pelo sol, o rei Nabônides, que tinha pretensões de tornar oficial o culto à deusa Sin, simbolizada pela lua” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.16).

As famílias tinham o exílio como castigo de YHWH pelo pecado, como a adoração de outros deuses, ou havia a possibilidade de YHWH não ser mais o mesmo pois, “a derrota de um povo é expressão da derrota de seu deus” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.17).

Temos assim uma reaproximação com religião, onde a “lei torna-se com isso o fator central e integrante, em torno do qual todas as outras características religiosas eram organizadas. Com sua exaltação, algumas instituições antigas desapareceram ou receberam novas formulações” (BINGEMER, 2001, p. 250). Sendo ele o eixo da unidade do povo judeu, e para uma tendência separatista em relação a outros povos.

E ao mesmo tempo que o povo judeu se tem como o povo escolhido por YHWH, eles atribuem a esse um domínio universal segundo Bingemer (2001), antes do período de reconstrução pós exílico havia a necessidade da propagação da adoração de outros povos para com YHWH, e após isso esse sentimento se torna inverso, com

a ideia “[...]exclusivista com relação à ideia de povo e de nação judaica” (BINGEMER, 2001, p. 250). Onde o povo se para a preservação de suas tradições fez com que o povo judeu se manteve afastados de outras nações, como por exemplo a proibição de se casassem com pessoas estrangeiras, havendo assim um resguardo da Aliança de Israel para com YHWH. Com essa elucidação sobre alguns desdobramentos em na constituição do povo hebreu no exílio, analisaremos sobre o povo judeu e sua mensagem no Trito-Isaías (56-66).

### **1.3 Trito-Isaías**

O Trito-Isaías (Is 56-66) constitui em forma de “quiasmo”, segundo Nakanose; Pedro (2004) na cultura judaica, é um método para escrever o texto onde a mensagem principal fique no centro, contendo no início e no final afirmações paralelas. O livro se situa no período pós-exílio em 538-333 a.C, sendo escrito em Judá por volta de 520 a 400 a.C., onde provavelmente Jerusalém já se encontrava reconstruída e formada por uma teocracia, sistema esse de “governo no qual o poder político, econômico e social está fundamentado no poder religioso, neste caso, no Templo e na Lei” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.14).

Schwantes (2007) descreve a ascensão persa como surpreendente e rápida, vindos do Oriente conseguiram conquistar a Mesopotâmia, Egito, Ásia Menor, Palestina e em meados de 546 conquistam por meio de uma campanha militar a Lídia. A Babilônia não demonstrou grande resistência à conquista persa, sendo Ciro aclamado como novo imperador, o Egito era mantido como alvo de conquista, mas a dominação não se concretizou durante a vida de Ciro mas sim de seu filho Cambises em 525 a.C.

Nakanose; Pedro (2004) exque para a reconstrução de Jerusalém foi formada por meio da aliança entre o império persa e a elite judaica que se dá por meio da desestruturação do império babilônico que teve seu apogeu durante o reinado de Nabucodonosor (605-562 a.C.). O rei Ciro (550 a.C.) em 539 a.C. conquista a Babilônia, o que o torna o único imperador, que adota como estratégia política para manter a soberania persa, a liberdade religiosa e cultural aos povos subjugados.

A permissão para os povos dominados manterem seus costumes religiosos e culturais é apenas aparência para estabelecer um forte controle econômico e político sobre a região conquistada. [...] Os persas encorajam e financiam a reconstrução dos templos destruídos, mas a sua administração é

supervisionada e controlada com mão de ferro pelo agente fiscal do império. O povo que não obedece é duramente castigado, como aconteceu com os jônios durante o reinado de Dario I (499-493 a.C.). Os persas queimaram seus templos, castraram os meninos e levaram as meninas para a corte do rei. (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.22-23).

Nakanose; Pedro (2004) cita que tal poder se concentrava nos sacerdotes e escribas que se tinham como escolhidos de YHWH, se utilizam interesses tributários para favorecer o império persa. Os sacerdotes conduzem o culto, e os escribas realizam a interpretação da Lei para ser repassada para o povo, o que provém um grande controle e influência sobre eles.

Eles se utilizavam da chamada *teologia da retribuição* segundo Nakanose; Pedro (2004), que consiste no princípio da troca, se o povo cumprisse a Lei YHWH que recompensaria com a salvação

A riqueza é sinal da bênção de Deus; a pobreza é o castigo de Javé por causa do pecado, e exige reparação no Templo através da realização de sacrifícios e a entrega de ofertas. Numa sociedade marcada pelo preconceito e pelas desigualdades sociais, essa maneira de pensar acentua ainda mais a exclusão dos grupos empobrecidos e marginalizados (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.15).

A complexidade dessa teologia está na alegação de que uma pessoa não iria possuir sucesso financeiro, o seguimento da Lei Divina e voltada para a economia, para garantir por meio das riquezas e bens para aqueles que se mantém firmes e fiéis. Nakanose; Pedro (2004) argumenta que em meio a essa realidade excludente um grupo de Levitas<sup>12</sup> se torna mensageiros do povo que se encontrava oprimido, e se tornarem resistência. Os Levitas mantêm consigo a memória de um YHWH misericordioso e levam consigo a mensagem de resistência sobre a opressão da elite judaica e do império persa. Nakanose; Pedro (2004) destaca que os Levitas têm um compromisso com os mais necessitados, as famílias exploradas pela elite, condenam o culto como sendo vazio, “desligado da prática da justiça (58,3b) e a exclusão causada pela lei do puro e impuro (56,10-11)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.16).

Outro método utilizado pelo império persa para ajudar na administração de suas colônias, de acordo com Nakanose; Pedro (2004) foi a divisão das regiões em sátrapa, que subsequentes são divididos em províncias. As sátrapa tem uma espécie

---

<sup>12</sup> Atuavam no passado como uma espécie de catequistas, que ensinavam no passado a tradição da Lei da vida e ajudavam na organização das aldeias. Durante a monarquia e da reforma socioeconômica e político-religiosa o rei Josias, por volta do ano 625 a.C., ocorre o processo de centralização do culto em Jerusalém. Os Levitas são forçados a atuar unicamente no Templo (2 Reis 23,8-14), e com a invasão babilônica muitos foram deportados e ajudaram na organização do povo no Segundo Isaías. (NAKANOSE, PEDRO, 2004, p.16).

de governador que é intitulado pelo rei como sendo alguém de confiança (para fiscalizar) e título de nobreza, para manter um controle sobre as sátrapas, que tem por função o envio de tributos anuais ao império. Para as famílias camponesas havia grande dificuldade, pois para obter algumas moedas era necessária uma quantidade exorbitante de produto, o que fazia com que recorrem a fazer empréstimos, e quando não conseguem quitar tais dívidas entregam suas terras, seus animais, “as filhas e os filhos, passando a trabalhar como mão de obra assalariada ou escrava” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.22).

Schwantes (2007) trata que entre as novidades introduzidas pelo domínio persa havia uma administração estatal, provida de um serviço de correio, e em meio a tal sistema o autor destaca as satrapias, governadores das províncias que realizavam divisões burocráticas, o que facilitava a administração regional e a homogeneidade do conjunto. “Através deste aparelho burocrático, também eram arrecadados os tributos. A tributação foi transformada em negócio de Estado” (SCHWANTES, 2007, p.159). Schwantes (2007) argumenta que por outro lado não houve uma imposição religiosa aos povos dominados, promovendo e facilitando o culto e o templos desses povos. A reconstituição do culto em Jerusalém e a volta dos exilados demonstra uma certa “tolerância” na política religiosa por parte do império persa, que por meio do *decreto de Ciro* de 538 foi determinado a reconstrução do Templo, a sua função, tamanho, etc.

O rei Ciro, no seu primeiro ano, baixou o seguinte decreto:  
Com respeito à casa de Deus em Jerusalém, deve ela reedificar-se para lugar em que se oferece sacrifícios; seus fundamentos serão firmes, a sua altura de sessenta côvados, e a sua largura de sessenta côvados, com três carreiras de grandes pedras, e uma de madeira nova.  
A despesa se fará da casa do rei.  
Demais disto, os utensílios de ouro e de prata da casa de Deus, que Nabucodonosor tirara do templo que estava em Jerusalém, levando-os para Babilônia, serão devolvidos para o templo que está em Jerusalém, cada utensílio para o seu lugar; serão recolocados na casa de Deus.  
(SCHWANTES, 2007, p.161).

É por meio dessas estratégias religiosas e políticas impostas por Ciro (sendo um grande sistema de arrecadação de imposto para o império persa) concede o retorno do povo hebreu às suas terras. Abordaremos a seguir sobre o contexto histórico do exílio babilônico, desde a queda do rei de Judá Sedencias (589 a.C.) para o imperador Nabucodonosor que trouxe a primeira deportação e o saqueamento de Jerusalém, até 546 a.C. com o aparecimento do rei Ciro, que trouxe com sigo a

conquista do império Babilônico a assim a possibilidade do retorno do povo hebreu à terra prometida e a autorização de se reconstruir o Templo de Jerusalém.

### 1.3.1 Exílio

Para retratar a realidade do povo em Dêutero-Isaías devemos retomar a história. Nakanose; Pedro (2004) retrata que em torno de 589 a.C., o rei de Judá Joaquim se rebelou contra o imperador Nabucodonosor, com a recusa de pagamento de tributos, fazendo que o imperador cercasse com seu exército a cidade de Jerusalém, cortando a entrada de água e comida na cidade, que se rende após o período de um ano e meio. A cidade é arrasada, o rei é preso, o Templo é queimado e seus muros destruídos, o povo se encontra em péssimas condições onde “crianças morrem de fome, jovens definham. Cresce o número de viúvas e órfãos (Lamentações 4,4.8.9.10-5,3). Só restam fogo e cinza...” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.26).

Segundo Nakanose; Pedro (2004) a maior parte da população era composta por gente simples, como artesãos, levitas, pequenos comerciantes e cantores do Templo tinham por destino lastimar “a dor da destruição”. É o chamado grupo de Sião, ou grupo das Lamentações. E a outra parte é levada para o exílio, como despojo de guerra.” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.27).

Bright (2003) presume que a situação da população que permaneceu em Judá, se estabeleceu mesmo em meio a miséria e dificuldades (isso pela dizimação por soldados em campanhas, aplicação de exorbitantes tributos, e provavelmente o recrutamento militar para o exército invasor). Mesmo com o Templo destruído, ele se mantinha como um lugar sagrado de culto, no qual os peregrinos continuavam indo para oferecer sacrifícios.

Praticava-se aí uma espécie qualquer de culto, embora esporadicamente, durante o período do exílio. Porém, embora houvesse homens justos em Judá que, como seus irmãos distantes, se lamentavam sobre Sião e suspiravam por sua restauração, todavia, eles não tinham um chefe e, sem ajuda de ninguém, não podiam fazer mais do que sonhar. (BRIGHT, 2003, p.413).

Ainda de acordo com o Bright (2003), os exilados na Babilônia representavam a elite intelectual, eclesiástica e política de Judá (motivo pelo qual foram escolhidos), representando a formação do futuro de Israel. Os exilados ficaram em uma espécie de confinamento, onde não eram tratados como prisioneiros, mas também não eram livres, onde podiam construir casas, trabalhar com agricultura e conseqüentemente

ganhar seu sustento. Schwantes (2007) afirma que a elite possuía sim a liberdade de produzir, mas não ficavam com o ganho de seu trabalho, tudo era repassado para seus senhores. E nesse sentido eram escravos, porque havia a dependência de seus senhores.

Nakanose; Pedro (2004) retratam que segunda deportação entre os anos 550 e 540 a.C. os exilados têm um maior sofrimento em relação à exportação da elite (597 a.C.), vivem na Babilônia em condições desumanas, onde lhe faltam tudo, até água para beber, isso juntamente ao trabalho exaustivo.

Desrespeitadas em sua dignidade humana e sem expectativa que a situação de opressão mude, essas pessoas sofrem a exploração “física” do corpo e também a angústia de um trabalho, e de uma vida sem sentido. Se plantam, não ficam com o fruto da colheita; se constroem, não podem morar nas casas que fizeram. [...] O rosto deles está descoberto, exposto, à mercê dos socos e das injúrias daqueles que os perseguem (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.28).

Bright (2003) traz que em meio ao sofrimento o próprio *status* do deus de Israel é colocado em dúvida. Seriam os deuses da Babilônia tão fortes assim? Havia assim a forte tentação de se segui-los, outros temiam estar recebendo a ira de YHWH, que ele tinha se desligado de Israel, clamando assim por misericórdia.

Havia uma ameaça geral de perda da fé. Essa ameaça agravou-se quando os judeus, arrebatados de sua terra natal, entraram em contato direto com os grandes centros de cultura da época, a maioria deles pela primeira vez. Jerusalém, que, nas suas mentes estreitas, era o próprio centro do universo de lahweh, deve ter parecido por comparação realmente pobre e retrógada. Tendo diante dos olhos riquezas nunca sonhadas e poderes quase ilimitados, com templos magníficos de deuses pagãos em toda parte, deve ter ocorrido a muitos deles a dúvida de que lahweh, o Deus Soberano de um pequeno Estado que ele parecia incapaz de proteger, fosse realmente, afinal de contas, o único e supremo Deus (BRIGHT, 2003, p.417).

Ainda segundo o Bright (2003), a solução a esse desastre já tinha sido anteriormente dada pelos profetas Jeremias e Ezequiel que viveram essa tragédia. Que anunciaram como um justo julgamento de YHWH para com o pecado cometido pela nação, uma violação da lei da aliança, o exílio seria assim um expurgo para preparar Israel para um novo recomeço. As pessoas passam a ter mais afincado e zelo com as tradições passadas de YHWH para seu povo.

A partir de 546 a.C. com a aproximação de Ciro, rei Persa, que conquista a Lídia e chega na costa da Ásia Menor, para pouco a pouco se apoderar das planícies a noroeste da Babilônia, Nakanose; Pedro (2004) afirma há a possibilidade do fim do exílio, e o povo de YHWH vem neste acontecimento a mão do Senhor que perdoa os

pecados que haviam causado no exílio (adoração de deuses pagãos), para assim guiá-los finalmente de volta para casa. Para muitos estudiosos, o Servo seria uma alusão a Ciro, um *tipo* do Messias escatológico. A partir de 539 a.C. a volta dos exilados e exilada para Jerusalém, assim como a reconstrução do Templo, entrando assim no pós exílio tema tratado a seguir.

### 1.3.2 Pós-exílio

Schwantes (2007) descreve que grande maioria do povo judeu permaneceu em Judá, e que o povo levado para o exílio babilônico era a minoria, e que grande parte desse meio se empregou as novas constituições na Mesopotâmia, que mesmo ao obter a condição para regressar para Judá muitos não queriam fazer, “após 539 efetivamente houve condições para o retorno, poucos fizeram uso desta liberdade persa” (SCHWANTES, 2007, p.156).

Apesar disso, foram os exilados os que fizeram história. A interpretação que se impôs segue a perspectiva dos deportados. Os textos até nos dão a impressão de que toda a população de Judá teria sido levada à Babilônia. E, após 539, sua ampla maioria teria regressado. Quantitativamente, os deportados teriam sido a totalidade. E, além disso, eles também seriam a parcela qualitativamente mais significativa. Entende-se como resto santo, purificado pelo exílio babilônico (SCHWANTES, 2007, p.156)

Já Nakanose; Pedro (2004) trata que exílio babilônico havia deixado marcas profundas no povo judeu, que começa a ver uma luz no final do túnel no período pós-exílio por volta de 520 a.C. após os sofrimentos e negligências vividas. O rei da Persa, Ciro, que conquista a Babilônia e permite o retorno dos exilados e das exiladas, e financiar a reconstrução do Templo de Jerusalém, Ciro é assim evidenciado como o escolhido por YHWH para libertar.

O Templo é inaugurado em 515 a.C. e representa uma espécie de símbolo de identidade para o povo que agora divide a terra com outros grupos. Sem rei, o controle da colônia passa para as mãos do grupo de sacerdotes. Mas atenção! Tudo isso não é simples bondade do rei persa. Em troca da aparente liberdade religiosa e cultural, Judá se torna um importante aliado contra o Egito e uma fonte de tributos para o império (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.13).

Nakanose; Pedro (2004) explica que essa forma há uma maior liberdade estipulado para o povo judeu, mas e mantido o pagamento de tributos ao império, a Pérsia inicia assim um processo de organização da economia de Judá para haver um aperfeiçoamento do sistema de desenvolvimento do Templo. Que é enviado

Neemias<sup>13</sup> pelo rei Artaxerxes<sup>14</sup> por volta de 445 a.C. para estabelecer as finanças de Jerusalém presente nas outras províncias da região, para torná-la uma base militar. Um grupo comandado por sacerdotes nomeado de “Golá” retornar a Judá do exílio se considerando o verdadeiro povo escolhido, os donos daquele espaço, ato esse que não foi bem recebido por aqueles que viviam ali, houve assim grande resistência, pois Judá se constituía também agora de outros povos, “Samaria é a província que [...] mantém domínio sobre grande parte do território de Judá, e não quer perder a sua posição de liderança para o grupo “Golá” (Neemias 3,33-37)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.24).

Diante desse cenário também se encontram as famílias camponesas nomeadas segundo Nakanose; Pedro (2004) de “pobres de terra” que durante o exílio se organizaram para viver com mais humildade e simplicidade, e que se lembram das humilhações e imposições no período monárquico em Judá, sendo assim provavelmente contra a construção do Templo, que significaria o retorno de uma prática de sujeição.

Ainda de acordo com Nakanose; Pedro (2004) por volta de 445 a.C. o imperador Artaxerxes envia Neemias para governar Judá, reorganizando a sua economia e reerguendo seus muros, e em 400 a.C. e enviado Esdras, um escriba e sacerdote, com a tarefa de assegurar uma maior rigidez no seguimento da Lei de YHWH.” Por ordem do rei persa, quem não obedecer à Lei de Deus deverá ser punido com morte, desterro, multa ou prisão (Esdras 7,26)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.13).

Na sociedade judaica do pós-exílio, sacerdotes e escribas passam a representar as autoridades em Judá. São eles que determinam diante da Lei quem é puro ou impuro, segundo critérios mais ligados a normas e preceitos do que à prática da justiça. As pessoas consideradas impuras, por exemplo, para poderem participar do culto e serem readmitidas no convívio social, são obrigadas a cumprir o rito de purificação, com a realização de sacrifícios e a entrega de ofertas ao Templo. Mas o povo é pobre, vive na miséria, e a maioria não consegue pagar o que a Lei exige para purificação (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.13).

---

<sup>13</sup> Judeu de nascimento, tinha chegado a ser copeiro-mor do rei Artaxerxes. Ganhando a confiança do rei, soube sobre os malefícios que os judeus sofriam por parte dos povos vizinhos de Jerusalém, e alcançou um decreto para reedificar a cidade e o Templo de Jerusalém. (SARMENTO, F. J. M.; Dicionário de Estudos Bíblicos. São Paulo: Rideel, 2011. p. 189).

<sup>14</sup> Rei Pérsia, marido de Ester. Et 1.2-19 (SARMENTO, 2011. p. 42).

Percebemos assim uma retomada na exploração do povo judeu, onde a elite judaica se une o império persa para se beneficiar do povo, se utilizando das Leis do Templo, para arrecadar impostos para sustentar o império persa juntamente a elite religiosa judaica. Nakanose; Pedro (2004) cita que as famílias mais pobres passam por tempos de miséria, fome, doenças, falta de moradia e desemprego, sofrem com a ofensa por seres vistos como inferiores pelo sistema imposto no Templo, “são excluídas da sociedade e, segundo a religião oficial, rejeitadas por Deus” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.14). Tratamos em seguida sobre os quatro Cantos do Servo, que descreve o sofrimento, a morte e a exaltação do Servo de Javé, procedeu sobre a questão da identificação do Servo que tem sido bastante disputada entre os estudiosos de Isaías.

### **1.3.3 Os quatro Cantos do Servo**

Os quatro Cantos do Servo compõem entre o capítulo 40 até o 55, escrito por um discípulo anônimo que é denominado de Isaías, Mesters (1985), defende que o Servo dos quatro Cantos retrata o povo exilado, o povo que sofre em busca da liberdade. Os cânticos seriam uma espécie de esquema de toda a caminhada do povo enquanto Servo de YHWH. “São um espelho para o povo poder tomar consciência da sua missão. São um ideal a ser realizado por todos que querem pertencer ao povo de Deus” (MESTERS, 1985, p.20).

Silva (2014) trata que os quatro Cantos do servo partem da teoria do alemão Duhm (1922, p.311), que ao tentar esclarecer acerca do Dêutero-Isaías (40-55) estabeleceu quatro Cânticos do Servo (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12), que não fora escrito pelo Dêutero-Isaías, mas que elucida sobre o contexto e a denominação em que cada canto estava inserido.

De acordo com Schwantes (2007) os quatro Cantos do Servo são também denominados poemas, primeiro seria a vocação (42,1-4), já o segundo trataria sobre a missão (49,1-6), o terceiro sobre resistência (50,4-9) e o quarto sobre martírio (52,13-53,12), apontam assim toda a caminhada da missão do Servo. Segundo Silva (2014) a demarcação da numeração do quatro Cantos, como de cada texto, “e a própria denominação Canto ou Cânticos, partem da teoria de Duhm, a qual desencadeou várias controvérsias e estudos. Apesar das controvérsias, a teoria mais

aceita ainda continua sendo a de Duhm que apresenta um personagem anônimo, conhecido como Servo/escravo” (SILVA, 2014, p. 21).

### **1.3.3.1 *Eis o meu servo que eu sustento***

Segundo Silva (2014) o primeiro Canto não possui uma delimitação única, por que cada estudioso estabelece tais de acordo com seus estudos, “Alguns delimitam o primeiro Canto 42,1-4, mas, na análise de Alonso Schökel e Sicre Diaz (1988, p. 294-5), o primeiro Canto se estende até o versículo 13” (SILVA, 2014, p.53), delimitação essa que foi proposta por Duhm.

Mesters (1985), compara o primeiro Canto<sup>15</sup> (Is 42, 1-9) com a Semente da Resistência, da esperança para uma possível libertação, em que são traçados passos do povo como Servo de YHWH. O primeiro passo seria não se deixar corromper pelo inimigo, não seguindo suas ações, como “[...] Nabucodonosor que escraviza os irmãos mais fracos e os explora” (MESTERS, 1985, p.47).

Garmus (2006) nos explica que a identidade do servo se baseia em diversas formas, o que significa “[...] que os textos sobre o servo sofredor possuem uma reserva de sentido inesgotável. Cada esforço por interpretá-los é uma nova tentativa de extrair mais água desse poço profundo” (GARMUS, 2006, p.44).

De acordo com o Garmus (2006) historicamente há quatro teorias principais, sendo a *interpretação coletiva*, que vislumbra o povo de Israel no servo de YHWH; a *interpretação individual*, que reconhece o servo como algum personagem histórico, como o Isaías ou Ciro; a *interpretação mista*, que é a junção das duas primeiras teorias e que também verificar outros vários servos no Dêutero-Isaías; e por último a *interpretação messiânica* que submete a visão do servo ao Cristo.

### **1.3.3.2 *Povos distantes, prestai atenção!***

---

<sup>15</sup> Primeiro Canto (Is 42,1-4)

1 Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o julgamento às nações. 2 Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas; 3 não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante, com fidelidade trará o julgamento. 4 Não vacilará nem desacorçoar até que estabeleça o julgamento na terra; na sua lei as ilhas põem a sua esperança.

O segundo Canto<sup>16</sup> Silva (2014) nos traz que não existe uma concordância sobre sua dimensão final, podendo ser estendido por alguns estudiosos até o versículo 6, ou até ao 13. De acordo com a teoria original de Duhm, o Canto se inicia 49,1 e se amplia até o versículo 6, onde o próprio servo se denomina como escolhido por YHWH para sua missão.

Portanto, não há unanimidade entre os estudiosos quanto à delimitação final do texto do Segundo Canto do Servo de YHWH. Há na perícope uma coerência entre concordância gramatical e tempo dos verbos, uma vez que são usados na primeira pessoa, e a partir do versículo 7 a narração muda para a terceira pessoa. Afirmamos, então, que a delimitação do Canto se encerra no versículo 6, o que marca uma coesão textual (SILVA, 2014, p. 54).

Mesters (1985) nos expõe que no segundo Canto o povo exilado com dúvidas sobre o chamado de YHWH, pois estavam vivendo um momento de tormento de um lado, e do outro YHWH colocava diante deles uma missão. Ato esse visto com desgarrando, pois, como pedir para a realização de uma missão a um povo em tais condições de escravidão? O povo assim descontente se vê caindo em tentação de copiar seus dominadores, muitos abandonaram seu povo e outros se questionam se valeria a pena lutar.

Realmente, não era fácil acreditar no chamado de Deus. Tudo parecia indicar o contrário. Chamado estranho! Esmagado pela dor, o povo devia anunciar o fim do sofrimento; com seus direitos pisados, devia estabelecer o direito sobre a terra; desprezado pelos povos, devia ser luz das nações; cego, devia iluminar; preso, devia libertar; triste, devia alegrar; quase morto, devia anunciar a vida; vivendo nas trevas, devia ser luz! (MESTERS, 1985, p.53).

A fé do povo fica balanceada pela desgraça sofrida, pois ela é como um telhado “em época de sol e de seca, o dono não cuida e nem olha e, por isso não percebe o cupim que vai comendo a madeira por dentro” (MESTERS, 1985, p.55). O povo tinha assim, segundo o autor uma ideia errada de YHWH, que ele poderia ser comprado

---

<sup>16</sup> Segundo Canto (Is 49,1-6)

1 Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção! Desde o seio materno YHWH me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome. 2 De minha boca fez uma espada cortante, abrigou-me à sombra de sua mão; fez de mim seta afiada, escondeu-me na sua aljava. 3 Disse-me: “Tu és meu servo, Israel, em quem me glorificarei.” 4 Mas eu disse: “Foi em vão que me fatiguei, de balde, inutilmente, gastei as minhas forças.” E no entanto meu direito está com YHWH, Meu salário está com o meu Deus. 5 Mas agora disse YHWH, aquele que me modelou desde o ventre materno para ser seu servo, para reconduzir Jacó a ele, para que a ele se reúna Israel; assim serei glorificado aos olhos de YHWH, meu Deus será a minha força! 6 Sim, ele disse: “Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra.”

por meio de ritos e sacrifícios, que seria usado apenas se conveniente trouxesse desequilíbrio ao povo.

Mesters (1985) cita que com o segundo Canto o povo se afirma a descobrir sua verdadeira importância, o Servo por meio de seu testemunho traz a união do povo, e esclarece sobre a presença de YHWH na vida de cada um.

### **1.3.3.3 O Senhor *lahweh* abriu-me os ouvidos**

O terceiro Canto<sup>17</sup> Silva (2014) descreve que não há uma unanimidade sobre sua delimitação, mas seguindo com Duhm, por ser o primeiro os versículos 4-9 representam um bloco completo, deixando assim de lado a inclusão de mais versículos. Ainda segundo a Silva (2014) o Servo submisso é oprimido por causa de YHWH, mas que se fortalece ao realizar sua missão.

Já Mesters (1985) argumenta que no terceiro Canto como o passo da realização da missão, que seria se manter unido a YHWH, se mantendo aberto para ouvi-lo, estar atento e disposto às necessidades dos irmãos desvirtuados e desanimados, para levar uma palavra de conforto.

Ele descreve a luta árdua e difícil, longa e dura, entre os que se comprometem com o "Projeto de Deus", projeto igualitário, onde reina a justiça, onde não há opressor nem oprimido, e os que querem manter a desigualdade injusta em benefício próprio (MESTERS, 1985, p.53).

O Servo atua como ouvinte do povo, para em seguida passar uma mensagem ao povo para animá-lo, para revelar a presença de YHWH, que ele não os abandonou, e que ele é justo. Isaias Junior segue assim com sua missão de tentar despertar consciência para o povo sobre os abusos sofridos, para assim haver um reencontro com YHWH e assim caminhar para a libertação. Silva (2014) apresenta que por meio

---

<sup>17</sup> Terceiro Canto (Is 50, 4-9)

4 O Senhor YHWH me deu língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos. 5 O Senhor YHWH abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. 6 Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros. 7 O Senhor YHWH virá em meu socorro, eis por que não me sinto humilhado, eis por que fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido. 8 Perto está aquele que defende a minha causa. Quem ousará mover ação contra mim? Compareçamos juntos! Quem é meu adversário? Ele que se apresente! 9 É o Senhor YHWH que me socorrerá, quem será aquele que me condenaria? Certamente todos eles se desgastam como uma veste: a traça os devorará.

do trabalho de Isaías Junior, o povo se desfaz das imagens de um YHWH morto, para seguir o seu chamado para

[...]sua missão de justiça e libertação e começou a colocá-la em prática. Nesse Canto, o Servo apresenta-se como um aluno que está pronto para aprender, ele não se coloca como alguém que sabe, mas como aprendiz, como dependente de Deus. [...] Houve ao longo da caminhada uma transformação do povo, que, no início, apesar de machucado e oprimido, não oprimia, nem machucava. E com o seu crescimento a semente da resistência nasceu e o veiozinho verde da esperança brotou e aos poucos transformou-se em espiga. Essa espiga cresceu, aumentando assim a luta pela justiça (SILVA, 2014, p.29).

O Servo atua para que o povo consiga presenciar a verdadeira face de YHWH e testemunhar a presença dele no estado, seja para exercesse o que ele tinha por justo ou por direito. O reconhecimento desse verdadeiro YHWH seria o que traria a libertação e ressurreição do povo.

#### **1.3.3.4 *Eis que meu Servo prosperará***

O quarto Canto<sup>18</sup> de acordo com Mesters (1985) são os passos para uma profecia, onde se é exposto o resultado da missão do Servo, que é de guiar a luta e o

---

<sup>18</sup>Quarto Canto (Is 52,13-53,12)

13 Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. 14 Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele - pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem – 15 assim, agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido. 1 Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de YHWH? 2 Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. 3 Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. 4 E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima de castigo, ferido por Deus e humilhado. 5 Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. 6 Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas YHWH fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. 7 Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores ele não abriu a boca. 8 Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? 9 Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca. 10 Mas YHWH quis esmagá-lo pelo sofrimento. Porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus triunfará. 11 Após o trabalho fatigante de sua alma verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. 12 Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que

perdão em direção ao opressor, para que este se arrependa de seus atos. O perdão, de acordo com o autor, seria uma ação “criadora”, “O perdão não passa por cima das injustiças, dos crimes e da culpa. [...] Só pode ser perdoado aquele que reconhece sua culpa” (MESTERS, 1985, p.133). Assim o Servo consciente liderando todo o povo que vai a busca de justiça, e apenas aqueles que lutarem contra o sistema opressor que conseguiram realizar a missão do Servo. O Servo passa de oprimido para consciente que a busca de sua libertação.

Mesters (1985) trata que no quarto canto o Servo não seria um povo totalmente oprimido, mas sim um conjunto de pessoas que tinha consciência de sua liderança sobre o povo (povo sofrido, oprimido, humilhado). Sua missão é contribuir com os mais necessitados para que esses cheguem à liberdade, pois só aqueles que enfrentam esse sistema opressor poderiam obter o livramento da opressão e da escravidão, onde “só o sofrimento do Servo, suportado por ele na luta direta contra os opressores, teria valor libertador!” (MESTERS, 1985, p.113).

Silva (2014) dá ênfase a interpretação do sofrimento do Servo, que é apresentado como um ser maltratado, perseguido e que carrega todas dores, mas que apesar de tudo ainda se mantém vitorioso. “O quarto Canto é uma profecia, em que está relatado o resultado da missão do Servo, que deve orientar toda luta e pelo perdão despertar nos opressores a confissão e arrependimento de suas culpas” (SILVA, 2014, p.31). Vejamos em seguida sobre a constituição do nacionalismo judaico onde o povo defende a reconstrução da identidade, se opondo-se à integração dos judeus pelas sociedades dos países em que viviam.

#### **1.4 Nacionalismo judaico**

O hebreu em Dêutero-Isaías se vê em uma situação política paralisada pelo exílio onde sua monarquia se encontrava destruída, não havendo assim um poder de autodefesa. Como o segundo livro representa uma esperança direcionada ao povo exilado, é enfatizado por meio do trabalho e das funções dos hebreus, uma forma de demonstrar o verdadeiro significado do sofrimento do povo, e retorna o pensamento

---

entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão.

de fazer o povo se afastar da idolatria de outros deuses focando no verdadeiro Deus segundo Oliveira (2014).

Os profetas teriam sido os criadores do que o autor (Kunen) chamou de monoteísmo ético. [...] O pensador Nikiprowetzky, na década de 1970, retomou a idéia do monoteísmo ético, afirmando que o seu surgimento estaria relacionado com o desenvolvimento de um nacionalismo nos inícios do antigo Israel (OLIVEIRA, 2014, p.345 *apud* REIMER, 2003, p. 969).

Bingemer (2001) retrata sobre o nacionalismo judaico em seu livro “Violência e Religião”, onde ele assume aspectos de resguardo de suas tradições, podendo manifestar noções negativas e positivas dependendo da finalidade de tal, onde o “[...]”nacionalismo positivo” aquela postura que um determinado grupo ou sociedade assume com a finalidade de defender e salvaguardar suas tradições, culturas, costumes” (BINGEMER, 2001, p. 231), e a “postura negativa do nacionalismo, quando um determinado grupo ou sociedade tende a se impor como sendo modelo, arquétipo para todos os outros povos” (BINGEMER, 2001, p. 231).

Os exilados permaneceram juntos e agrupados, onde desenvolveram um *modus vivendi* por meio da unificação de valores tradicionais de Israel, de acordo com Rosa (1995), em sua obra “Judaísmo Tardio e Helenismo” foi na medida do possível construída também através de

[...] novos valores recebidos das culturas envolventes, em virtude da situação em que se encontravam. Em alguns esta fusão, ou melhor, está *enculturação* progressiva, chegou a atingir tal estado, aliada a uma estabilidade de vida, que os mesmos já nem quiseram regressar a Israel aquando sob Ciro (533 a. C.) (ROSA, 1995, p. 46).

Já Schwantes (2007) aborda o tormento das pessoas nesse período

Inúmeras foram as pessoas que sucumbiram aos sofrimentos de longas marchas e de trabalho forçado. [...] O exílio babilônico foi, pois, um sofrimento transformado em êxito (SCHWANTES, 2007, p. 17).

Mas apesar de toda dor e humilhação para com a nação, a mensagem do profeta anuncia o consolo e a compaixão de YHWH aos exilados, onde ao mesmo tempo crítica o fascínio exercido por outros deuses (Is 41,28-29; 43,1-7). Bingemer (2001) afirma assim que o povo judeu tentava restaurar sua identidade como comunidade, enquanto nação representando o povo judeu “uma luta pela busca de alguma forma externa através da qual poderia existir” (BINGEMER, 2001, p. 249), e tendo em vista que tudo foi perdido com a destruição de Jerusalém restando apenas a fé em YHWH,

[...] assim vemos Israel ou a comunidade judaica sem nenhuma identidade clara que recolocasse como a nação de outrora [...], Israel tinha que encontrar algum elemento em sua herança em torno do qual reunir-se, se quisesse sobreviver (BINGEMER, 2001, p. 249).

E para a preservação de suas tradições fez com que o povo judeu se mantivesse afastados de outras nações, como por exemplo a proibição de se casarem com pessoas estrangeiras, havendo, um resguardo da Aliança de Israel para com YHWH. As mulheres deviam permanecer em contato com os outros povos de turbante que a cobriam dos pés à cabeça, pois só assim poderiam estar seguras. O papel da mulher nesse contexto social, político e religioso é excludente de toda atividade pública para ficar relegada ao lar. Podemos citar inúmeras citações do Antigo Testamento de como a mulher é tida como inferior ao homem, onde ela deve ser orientada pelo mesmo porque foi a ele que YHWH deu o poder, onde a mulher exerce apenas um papel secundário, apenas uma protagonista de sua própria história.

No contato com outros, as mulheres deviam aparecer cobertas, “Tremei, mulheres que estais sossegadas, e turbai-vos, vós que estais tão seguras; despi-vos e ponde-vos nuas, e cingi com saco os vossos lombos” (Is 32;11-12), não podendo nunca se quer dirigir a palavra a um homem. A mulher “[...] estava sujeita a todas as proibições da Lei, a todo rigor da legislação civil e penal e, mesmo à pena de morte” (BINGEMER, 2001, p. 254).

Já no casamento a mulher era tida como posse do marido, porém não como escrava pois ela jamais poderia ser vendida “e, se te enfades dela, deixá-la-ás ir à sua vontade; mas de modo nenhum a venderás por dinheiro, nem a tratarás como escrava, porque a humilhaste” (Deuteronômio 21,14), e quando abandonada pelo marido ou se ficasse viúva a mulher não tinha direito algum sobre a herança.

E o direito de divórcio era, quase exclusivamente, do marido, onde a mulher para obter sua carta de divórcio tratava mal o marido e não exercia suas “obrigações” como dona de casa, “quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, se ela não achar graça aos seus olhos, por haver ele encontrado nela coisa vergonhosa, far-lhe-á uma carta de divórcio e lha dará na mão, e a despediu de sua casa” (Deuteronômio 24,1).

O livro do Dêutero-Isaías apresenta indícios da busca dos judeus pela sua afirmação enquanto identidade étnica e religiosa mesmo estando em terras estrangeiras durante o exílio. Este povo se manteve afastado de outras nações, para haver um resguardo da Aliança de Israel para com YHWH.

Há assim um momento em que a reestruturação pós-exílica, representou para o povo judeu (pois o judaísmo só surgiu propriamente enquanto instituição religiosa após o exílio) uma forma para persistir “[...] uma luta pela busca de alguma forma externa através da qual poderia existir” (BINGEMER, 2001, p. 249). Com a destruição de Jerusalém o povo hebreu acaba por perder instituições e todo patrimônio israelita, sobrando apenas a fé em YHWH, onde segundo a autora Israel se reencontrou em sua lei sagrada, e assim o Judaísmo foi “[...] marcado por uma constante preocupação com a observância da lei” (BINGEMER, 2001, p. 249. Trabalhamos por seguinte na segunda parte deste trabalho sobre as condições do povo judeu no pós- exílio, além dos que permaneceram em Jerusalém, como os hebreus reagiram a esse retorno a Terra sagrada?

## 2. CONTEXTO DO POVO JUDEU NO PÓS-EXÍLIO

Neste segundo capítulo buscaremos caracterizar mais nitidamente sobre o meio político, religioso e social do judeu no período pós exílio em torno dos anos 539 a.C. quando aconteceu a vitória de Ciro contra os Babilônicos até 332 a. C. quando segundo Gass (2004) marca a conquista dos persas por Alexandre Magno sobre Judá. Inicialmente o período é marcado pela opressão do império persa juntamente com a elite judaica, onde os mais pobres, especialmente as mulheres sofrem uma grande perseguição.

Com o retorno a Judá o grupo Golá<sup>19</sup> que detinha o apoio do império persa segundo Nakanose; Pedro (2004), se tinha como os verdadeiros donos daquelas terras, o que gerou resistências sobre os povos que haviam permanecido durante o exílio, e para “começar, Judá agora é apenas um pequeno agrupamento no meio de outros povos, e Samaria é a província que mais se destaca nessa região” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.24), e que tinha controle sobre uma grande área de Judá, e conseqüentemente não queria perder sua liderança para o grupo Golá. Além disso lá residiam as famílias camponesas denominadas de “pobres da terra” que viviam com muita simplicidade, e que a reconstrução do templo significaria para eles a volta do antigo sistema de exploração. Mas apesar das resistências o Templo é reconstruído em 515 a. C. e a partir daí houve uma estabilização do império persa.

Segundo Marianno (2007) a Pérsia teria herdado da Babilônia uma grande quantidade de terras, com uma diversidade gigantesca de culturas e idiomas. O Império Persa aprendera com os erros cometido pela Assíria (que tributava demais, que desumaniza os povos conquistados), e encontram através da tolerância a forma para manter a dominância sobre os povos, mas segundo Gass (2004) havia a negação a esse povo sobre o seu controle político pertencente aos persas, o econômico e militar. A Assíria tentava sobrepor e anular a identidade dos povos “subjugados através de programas de massificação, aglomerando culturas diferentes. A Pérsia

---

<sup>19</sup> “Segundo John Bright os exilados ao chegarem a Jerusalém não tiveram facilidades, pois era um novo começo, a terra lhes era estranha, a cidade estava em ruínas e o templo também. O povo que ocupava a terra não observava a genuína fé javista e provavelmente não os receberam com entusiasmo. Provavelmente tiveram também dificuldades em ceder terras para os recém-chegados. A aristocracia samaritana lhes fora hostil e a mentalidade da golá de se considerar o verdadeiro Israel, separando-se dos samaritanos, dos seus irmãos menos ortodoxos e de pessoas impuras certamente aumentava a tensão”. ( BRIGHT. John, 2003, p. 437).

optou por devolver a autonomia, pelo menos religiosa destes povos” (MARIANNO, 2007, p.53).

O sistema tributário permanecia centralizado em regiões estratégicas como Pasárgada, Persépolis, Susã e Ecbátana. As províncias passaram a ter governadores autóctones que se reportavam aos chefes das satrapias. Os sátrapas reportavam-se ao grande rei do império. O Império Persa foi dividido em diversas satrapias [...]. As satrapias funcionavam como uma espécie de sede administrativa regional, representante oficial do Império Persa. As satrapias eram responsáveis pelo que acontecia nas províncias. Os governadores das satrapias eram os sátrapas. Sua autoridade diante das províncias era grande. Eles eram reis menores. Posteriormente o cargo tornou-se hereditário, aumentando ainda mais a autoridade destes governantes. (MARIANNO 2007, p. 53)

Nakanose; Pedro (2004) trata assim que o império persa organizava suas regiões em satrapias, que subsequentemente são divididas em províncias para facilitar o controle de suas colônias. Cada uma dessas regiões, nomeadas satrapias, tem um governador escolhido entre os nobres pelo rei, que o denomina de sátrapa, e que tem por principal função o recolhimento e o envio de tributos anuais ao imperador. Marianno (2007) indica que juntamente com os sátrapas havia mais funcionários que eram enviados pelo Rei para supervisionar o trabalho das satrapias. Esse sistema administrativo exerceu em Judá uma grande influência, havendo uma conexão entre as províncias e o império por meio das satrapias. Gass (2004) trata que o Império Persa não possuía uma capital fixa e percorria as principais dos reinos “Susa (capital do Elã), Ecbátana (capital da Média) e Persépolis (capital do Irã)” (GASS, 2004, p.80)

Gass (2004) apresenta que em um primeiro momento os persas possam parecer menos violentos que os dominadores anteriores, mas na prática esses seriam tão quão impiedosos a aqueles que não realizassem o pagamento dos tributos ou que quisesse proclamar independência, “a paz que reinava, portanto, era uma paz aparente sob o controle dos “cavalos” persa, símbolo de domínio militar” (GASS, 2004, p.78-79).

## **2.1. Contexto Político**

Pixley (1989) nos traz que em 609 a.C. por um período de quatro anos era cobrado tributos de Jerusalém pelo o Egito, e que depois da morte do rei Josias que foi substituída por seu filho rei Joaquim. Em 605 a.C. com a batalha de Carquemis entre o Egito aliados aos remanescentes do exército do antigo Império Assírio contra os exércitos da Babilônia que venceu o exército egípcio se tornando uma nova

potência na Palestina. Os tributos antes destinados ao Egito passam a ser tributados na Babilônia, onde Joaquim permanece como rei. Pouco antes de seu falecimento Joaquim se revolta e para de efetuar o pagamento, gerando assim uma expedição punitiva contra Jerusalém em 597 a.C. onde o filho de Joaquim de apenas três meses teria ocupado o trono como forma de castigo, e segundo Pixley (1989) Nabucodonosor teria acontecido a primeira deportação, composta pelo rei e outros membros da família real, deixando no trono Sedencias, tio do rei e filho de Josias, o que gerou uma divisão entre os que aguardavam o retorno de Joaquim e os que reconheceram Sedencias como rei.

Em 586 a.C. por meio de um cerco formado pelo rei da Babilônia Nabucodonosor, que de acordo com Castro (2008) durou mais de um ano, a cidade caiu e logo em seguida o Templo de Salomão foi destruído, e a elite social e religiosa da nação foram levados como escravos. “Este cativo foi o ponto de partida para a formação de um direito hebraico novo, oral, visto que entraram em contato com diversas culturas diferentes e fortes, (CASTRO, 2008, p. 31)” os hebreus cogitaram afirmar sua cultura e adaptar às influências que recebiam.

A lei oral (*Torah Chev'al Pé*) atuava ao lado da escrita, isto é, mosaica (*Tora Chev'ikhtav*). Esta continuou a ser considerada, séculos afora, a lei suprema, infalível, sacrossanta. prevalecia sempre (mesmo depois da codificação da lei oral) em qualquer conflito que se verificasse entre as duas. A lei oral, formada pelo *Sofrim* (escritores), *Anchei Haknesset* (os homens da Grande Assembléia) e *Tanaim* (sábios), teve sempre um caráter subsidiário (CASTRO, 2008, p. 31 apud RÃO, 1999, p. 174).

Schwantes (2007) afirma que quando a elite da população de Judá foi deportada (597 a.C.) para o território babilônico os deportados não eram tratados como prisioneiros podendo trabalhar e manter seu sustento, mas que eles eram impedidos de retornar para casa. Esse regime sobre certa tolerância não era aplicado como uma forma de “cortesia” pelos outros, mas sim como uma forma de controle perdurável do império.

Ainda de acordo com Schwantes (2007), entre 587 e 582 a. C. foram deportados para Babilônia 15 mil pessoas da população de Jerusalém, os exilados de Judá gozavam de liberdades comuns aos cidadãos babilônios, que podiam exercer culto, ou se organizar-se comunitariamente. Sendo o único fator limitador de sua liberdade era “a ausência do direito de retornarem à sua pátria, o exílio babilônico e principalmente um exílio dos “cidadãos” da capital” (SCHWANTES, 2007, p.31).

Permaneceram agrupados. Isso foi decisivo para a sua sobrevivência. Por estarem agrupados, puderam continuar a preservar sua língua, seus ritos, seus costumes, sua religião. Mantiveram, pois, sua *identidade* de deportados de origem comum. Continuaram a crer em *Javé*. A preservação de sua fé foi a força aglutinadora mais significativa para os exilados (SCHWANTES, 2007, p.31).

Dessa forma os hebreus se mantiveram unidos para haver uma preservação de seus costumes para continuidade de seu povo, havendo também uma maior rigidez em seus segmentos para manter a aliança com YHWH. Buscaremos tratar em seguida sobre o Livro Isaías, para haver assim uma maior compressão seja histórica com a guerra sírio-efraimita, ou teológica para tratar sobre a salvação através da santidade de YHWH e da fé.

Em 538 a.C. aconteceu de acordo com Gass (2004) o primeiro retorno da caravana para Jerusalém, que foi liderada pelo príncipe e governador Sasabassar<sup>20</sup> (Esd 1,8;5,14). Ao chegar em suas terras houve um grande desapontamento pois tudo continuava em ruínas, tinham assim como primeiro objetivo a reconstrução do altar de sacrifícios (Esd 1,8;5,14), a construção do Templo ficou a cargo do governador Zorobabel<sup>21</sup> e do sacerdote Josué a partir de 520 a.C.

Zorobabel foi o líder que iniciou a reconstrução do templo que durou de 520 a 515 a. C. período esse em que Dario já era rei dos persas, já Josué<sup>22</sup> Era um líder religioso no decorrer da construção do segundo templo. Temos também o apoio dos profetas *Ageu* e *Zacarias*, que segundo Gass (2004) o governador Zorobabel juntamente ao profeta Ageu teriam participado dos inícios das obras, mas logo desaparecem durante a construção do 2º templo. Mas o sacerdote Josué e o profeta Zacarias teriam reerguido o templo das ruínas. Após a morte do rei Cambises<sup>23</sup> (530-522 a.C.) que não deixou um herdeiro desencadear dois anos de batalhas internas até que Dario assumisse o trono.

---

<sup>20</sup> Governador de Judá, nomeado por Ciro para conduzir os Judeus de Babilônia para Jerusalém (VASCONCELLOS; SILVA, 2003).

<sup>21</sup> Neto do rei Joaquin (2Rs 24, 6), havia sido levado junto com Ezequiel para Babilônia em 597 a. C. sendo assim descendente de Davi, e trouxe consigo a esperança de se reconstituir a monarquia davídica (GASS, 2004, p.88).

<sup>22</sup> Era filho de Josedec (Esd 3,2) da tribo de Levi, que foram deportados por Nabucodonosor (1 Cr 5,41) (GASS, 2004, p. 89).

<sup>23</sup> Foi filho e sucessor de Ciro, deu continuidade ao processo de ampliação dos territórios persas, e em 525 a.C. conquistou o Egito. (GASS, 2004, p. 83).

Gass (2004) trata que o profeta Ageu motivou Zorobabel, Josué e povo para a reconstrução do templo se utilizando em um primeiro momento da seca que se havia instaurado em Jerusalém trazendo a miséria e a fome, para assim se utilizando da teologia da retribuição já tratada neste texto, brotando assim o sentimento de castigo sobre o povo, por que o Templo de YHWH ainda não havia sido reconstruído; ele se utiliza também das tradições do Êxodo, baseado nas experiências vividas por Moisés que encorajou e liderou o povo.

O governador Sasabassar não conseguiu ir muito além do que a reconstrução do altar por resistência dos povos camponeses que ainda moravam em Judá, como "samaritanos, amonitas e moabitas que haviam se misturado como os remanescentes durante o exílio" (GASS, 2004, p.85).

O campesinato pagava os impostos com produtos agropecuários que eram entregues ao templo. Os nobres tinham o controle sobre esse fluxo de mercadorias e de moedas. O templo passou a exercer a função de casa de câmbio e centro comercial. Isso lhe oportunizou a acumulação de riquezas e poder. Somente entendendo a importância do templo na arrecadação de impostos pelos persas, é possível entender a razão por que investiram tão alto em sua reconstrução e manutenção dos sacrifícios diários (2Cr 36, 23; Esd 6,3-10). Também não é por acaso que homens influentes nas províncias persas vizinhas de Judá, como Sanabalat, Tobias e Gosem, também quisessem enriquecer a partir desse mercado lucrativo (GASS, 2004, p.81-82).

Gass (2004) destaca que o "o povo da terra" não seria apenas uma referência aos povos mais pobres, mas também aos estrangeiros que se encontravam misturados entre eles, e mais tarde seriam também aqueles que desconheciam a lei judaica, o que conseqüentemente levava-os a não a cumprir, o que gerava desprezo pelos fiéis da lei. Houve uma série de disputas entre os que permaneceram em Judá e os que retornaram da Babilônia, pois esses se viam no direito de retomar "a herança de seus pais e que os babilônicos haviam distribuídos aos camponeses empobrecidos" (GASS, 2004, p. 87).

O confronto entre a Golá e o povo da terra reflete-se em sua maior algidez em torno da construção do templo sob os auspícios da administração persa e as disputas sobre a pureza racial. Este confronto é, na verdade, em grande parte, um conflito de classes: os camponeses e latifundiários aparentemente empobrecidos pela desorganização do período babilônico em oposição a um exílio bem organizado em torno de um projeto religioso e sacerdotal, com o apoio econômico e político das autoridades persas (PIXLEY, 1989, p.94-95).

Segundo Pixley (1989) percebemos assim que de um lado o governador persa por meio de sua sede em Samaria retira tributos das aldeias e do outro lado a atuação do império tentado manter uma concordância social por meio do sacerdócio de

Jerusalém que o império visa por meio do custeamento do Templo um rendimento econômico.

## **2.2. Contexto Econômico**

Marianno (2007) trata que por alguns fatores como o cerco dos militares e as guerras recorrentes as vidas dos povos de Judá causaram uma dependência econômica dos países de maior poder, o que contribui para o trabalho forçado que levava a exaustão desses povos. Segundo Marianno (2007) o tributo dominou as relações sociais de Israel até o século IV a.C., se compondo de “dinâmica onde a minoria dominante passa a explorar a maioria produtora, dando-se ao direito de receber uma parte cada vez maior do excedente da produção” (MARIANNO, 2007, p.56).

Gass (2004) dita que os persas realizavam essa cobrança de tributos somente por moedas, principalmente as de prata, para que os camponeses conseguissem realizar o pagamento já que não possuíam moedas, foi desenvolvido um processo para exercer no desenvolvimento agrícola, para assim vendê-lo e conseguir as moedas. O Templo exercia o papel de mediador durante esse sistema de emissão de dinheiro para o exterior.

Gass (2004) apresenta que os templos não eram os únicos meios dos persas para o arrecadamento de impostos, se utilizando de taxas em estradas, em portos e alfândegas, onde era realizada uma vistoria sobre as caravanas comerciais e era cobrado taxas sobre cada mercadoria. Segundo Marianno (2007) esses tributos constituíam a base central para possíveis conflitos entre a cidade e o campo, “quando o ambiente internacional era controlado por uma grande potência os tributos se tornavam muito pesados, sendo uma “sobreposição tributária sobre a base da economia agrária tributária local ou regional”” (REIMER, 2006, p. 14). Percebemos assim que os judeus tinham uma relação de submissão às leis ditadas por um rei estrangeiro e a quem pagavam tributos, além de não possuir seu próprio exército, tendo a ocupação de um exército imperialista segundo Gass (2004).

De acordo com Marianno (2007) quando parte dos exilados retornaram visualizaram um cenário que não teria mudado muito durante todo esse processo, onde se perdurou a escassez, isso foi recorrente pelas pragas nas plantações, de

sementes que não brotavam. O profeta Ageu<sup>24</sup> atribuía essa como uma forma de punição pela depreciação dos judaístas pela construção do Templo, mas tal região já era propícia a mudanças no ambiente, com longos períodos de seca trazendo assim a fome. Foi assim, segundo Marianno (2007) bastante difícil o convencimento dos povos exilados que já se encontravam estabilizados a voltarem para Jerusalém e reconstruir sua nação. Deste ponto estaremos vinculando os círculos sociais dos grupos étnicos apenas para tornar a clareza de nossa análise um pouco mais objetiva.

### **2.3. Contexto Social**

Kessler (2009) esclarece que a utilização da história social de Israel tem por objetivo não apenas tratar sobre o lugar de vivência, mas também sobre “interesses que se expressam nos textos. Ela relaciona [...] as concepções religiosas expressas nos textos retro atuavam, por sua vez, sobre o desenvolvimento social” (KESSLER, 2009, p. 8), essas formações supõem que se havia uma pluralidade de vários interesses que compunham uma instituição (visando que o termo “sociedade” segundo Kessler (2009) seria um conceito muito amplo e abstrato), que hora se sobrepunham ou andavam lado a lado.

Na definição de história social como análise da estrutura social e uma sociedade em seu desenvolvimento histórico, reside a tentativa de conectar um elemento estático com um elemento dinâmico. Na realidade dos organismos vivos, o elemento dinâmico do tempo não se desenrola como algo contínuo e regular, mas em intensidade distintas (KESSLER, 2009, p. 9).

A história social tem assim por encargo associar um momento inerte da estrutura de uma instituição, que foi descrito, como desenvolvimento de sua estrutura. Estrutura essa que comporta com o âmbito geográfico que segundo Kessler (2009) habita a historiografia, que também está correlacionada a condições históricas.

Segundo Kessler (2009) o povo judeu tinha ciência sobre o ambiente geográfico em que viviam, com seus diferentes espaços geográficos constituintes para uma história social, onde os grandes vales de rios pertenciam as civilizações mais avançadas, como seus sistemas de irrigação, e onde ocorreram as primeiras

---

<sup>24</sup> Um dos doze profetas menores, cujo livro é colocado em 10º lugar naquela classificação. Seus pais foram escravos na Babilônia, no reinado de Dario, filho de Histaspes. Ao retornar a Jerusalém censurava o povo, por dar mais valor à construção de suas próprias casas do que ao Templo. (SARMENTO, 2011. p. 24).

formações de estados, composta por muitas diferenciações na “produção de vida [...] nas imediações tem consequências para o desenvolvimento social” (KESSLER, 2009, p. 26). Com isso houve o surgimento de estados em Israel e Judá, fazendo com que a geografia entre os espaços menores levasse a formação políticas relativamente menores, o que beneficiou a um certo controle do império persa sobre elas. As regiões divididas em províncias no império persa eram utilizadas como forma de controle, onde cada sátrapa era governada por alguém intitulado pelo rei para haver assim controle sobre as finanças, como os tributos para o império.

Kessler (2009) nos traz também sobre o contexto social, caracterizando uma diversidade cultural em cidade-estado compostas muito antes do surgimento de Canaã, culturas essas já desenvolvidas que deixaram sua marca cultural naquele meio, e isso vai de encontro a tentativa de não haver uma “contaminação” entre os hebreus durante um exílio sobre o seu meio, o que ocorre mesmo que indiretamente, pois a influência de outras cultura se mesclam, mas não se pode negar que os deportados conseguiram resguardar mais duramente certos ensinamentos culturais do que os autóctones.

Marianno (2007) trata que muitos textos bíblicos tendem a nos fazer concluir que com a deportação o território de Judá teria ficado desolado e vazio de sua população, o que através da arqueologia se provou estar errada, e o números de exilados varia entre 15 ou 20 mil no máximo, comparando esse número a população de Judá no final do século VII antes da destruição de Jerusalém se constituía por volta de 75 mil, compreendendo assim apenas 20% foi levado. Dessa forma os que permaneceram ficaram sem grandes alterações, podendo assim haver um maior crescimento. E o povo que permaneceu do qual Marianno (2007) se refere como autóctone, já que o termo Povo da Terra se refere ao grupo de camponeses necessitados, seria uma generalização anacrônica para se referir a todos os que viviam em Judá. Os autóctones com os retornos dos exilados que chegavam em grupos cada vez maiores tinham sua estrutura alterada.

É provável que, mesmo com toda a opressão que um sistema hegemônico internacional proporciona aos reinos dominados, a subordinação ao Império Babilônico tenha sido um fardo mais leve para os autóctones do que a subordinação aos próprios governantes judaítas. Em seu conceito mais antigo, os autóctones sempre fomentaram a manutenção da casa de Davi no poder estatal. Durante o exílio eles começaram a alimentar esperanças de reconstrução da nação através da devolução do trono a um descendente de Davi (2Rs 11,17-20; 21,24). Para a concretização deste sonho, a reconstrução do templo era um evento de muita importância, por isso a

missão de Zorobabel recebeu o interesse de tantos autóctones. O messianismo davídica era um sonho deste grupo. Embora a sociedade camponesa tenha revitalizado seu dinamismo, Jerusalém estava devastada, mas em diversas regiões da cidade a atividade, inclusive religiosa, prosseguiu (DIAS, 2007, p. 62).

Os autóctones passam assim tanto pela subordinação de seus governantes, como do império, que recebeu ajuda na reconstrução do Templo com a esperança do povo em se restabelecer a casa de Davi no poder, mas foi através do mesmo que a elite judaica aplicou sistemas de arrecadação de tributos, isso baseado no Livro da Lei de YHWH seria como a lei do rei, e quem não a cumprisse seria sentenciado com a morte ou com o exílio.

A Lei de YHWH segundo Nakanose; Pedro (2004) seriam as normas religiosa produzidas pelas escribas, que constituem um controle sobre a vida das pessoas “determinando quem pode ser considerado puro ou impuro” (NAKANOSE, PEDRO, 2004, p.127). As pessoas puras seriam aquelas que realizam pagamentos seja em forma de tributos ou sacrifícios, e que observam os rituais, como forma de sacrifícios pelos pecados cometidos. Segundo Nakanose; Pedro (2004) as pessoas mais pobres e mais desfavorecidas eram consideradas impuras por não conseguirem realizar tais exigências da “Lei referente à pureza, entre elas a entrega de ofertas e sacrifícios de purificação aos administradores do Templo (Levítico 4-7)” (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.127).

Há assim um controle sobre o corpo das pessoas, e isso atinge principalmente o núcleo das famílias mais pobres, que se veem em um processo de endividamento para tentar realizar o cumprimento de tais normas, além do sofrimento em meio a humilhações por serem impuros aos olhos de YHWH. Nakanose, Pedro (2004) trata ainda que a mulher sofre ainda mais, pois o corpo feminino é tido como portador de maldição, e imundo.

A lei do puro e impuro amaldiçoa o corpo das mulheres. Por exemplo, a menstruação e o parto tornam a mulher impura (Levítico 12,1-8; 15,19-24). Não conseguindo pagar as ofertas e os sacrifícios de purificação, elas ficavam endividadas com o Templo. Sem contar que, com a política de repovoamento da religião e a necessidade de mão de obra, as mulheres têm de ter filhos a cada ano, o que prejudica seus corpos e aumenta suas dívidas (Jó 24,9) (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.27).

Segundo Nakanose; Pedro (2004) a elite de Judá se utilizava de seus sacrifícios e das suas ofertas como uma justiça aplicada diretamente de YHWH, para que assim eles se tornassem seres puros e justos e ganhassem a salvação divina.

Marianno (2007) aborda também sobre os judeus que retornaram do exílio, denominados de Golá que foram para Babilônia em uma primeira leva composto por artesão, sacerdotes, nobres, militares, funcionários da corte e mulheres da corte e também o profeta Ezequiel juntamente com o rei Joaquim em 597 a.C. A outra aconteceu em 587 a. C. com a destruição Jerusalém, compondo o restante dos funcionários da administração, sacerdotes e a execução do rei Zedequias em Ribla (2Rs 25,18-21). Os deportados eram forçados a cultivar na mesma terra em que foram assentados para destinar ao rei, passando desde a primeira deportação até a conquista do grande rei Ciro, nesse processo, onde muitos deles se desenvolveram, e outros se seguiram em um estilo de vida de reclusão.

Embora Babilônia tivesse uma enorme diversidade de nações representadas em seu território, pode ser que os judaístas tenham vivido relativamente “afastados” dos demais povos. Devido ao grande número de sacerdotes entre os deportados, é de se imaginar que, os que não pertenciam à nobreza de certa forma se fundiam entre os levitas e sacerdotes deportados, e estes passaram a viver sob grande influência de um sistema litúrgico. Era fácil perder a identidade num ambiente como aquele, desta forma, a liturgia acabou servindo como ambiente onde está identidade se preservou através da repetição das tradições históricas e da redação das leis. Por estarem mais aglutinados e em menor espaço que os autóctones, que estavam espalhados e mais dispersos, os deportados conseguiram se tornar um grupo mais homogêneo do que os autóctones (MARIANNO, 2007, p. 63).

E através desse resguardo de sua identidade que os deportados conseguiram manter seus ensinamentos, como guardar o sábado, a leitura da lei e da circuncisão, que segundo Marianno (2007) representava não apenas respeito às tradições, mas “o espaço para respirar sua própria nacionalidade” (MARIANNO, 2007, p. 63). Havia entre os deportados uma grande posição de espiritualidade, onde Marianno (2007) se refere ao Templo de Salomão como a casa de YHWH, e que uma vez destruído, essa casa estaria vazia da presença divina, que teria se ausentado por ter perdido uma grande batalha com outros deuses, e por isso teria se retirado.

E através de mensagens proféticas que os deportados acreditavam que YHWH havia acompanhado eles até o exílio, assim se tem a dedução que o mesmo teria abandonado os autóctones. Percebemos assim que tanto os deportados como autóctones seguiram por caminhos diferentes depois da intervenção internacional sofrida, onde os deportados seguiam firmemente a profecia, pois sabiam o preço a se pagar por não dar ouvidos ao verdadeiro profeta, já os autóctones tinham

desacreditado da profecia, e que “o único jeito de saber se o profeta era verdadeiro ou falso era aguardar o cumprimento de suas palavras” (MARIANNO, 2007, p. 63).

Marianno (2007) aborda que antes mesmo do exílio a comunidade judaica já se encontrava sedimentada em camadas, e a deportação teria ajudado ainda mais com essa separação social e também étnica. Como os deportados tinham ficado por um longo tempo convivendo com outras nações, eles desenvolveram um maior rigor em rituais, além de fortalecerem seus laços casando-se entre si e formando uma colônia judaístas. Já com os autóctones situação ia totalmente ao contrário com a miscigenação, já que Judá recebeu migrantes de outros povos como amonitas, edomitas, sírios, filisteus, moabitas e filisteus, já que todos esses se encontravam em posse da babilônia quase não se havia fronteiras. Dessa forma Marianno (2007) afirma que os deportados entre três a quatro gerações não se “contaminaram” com o contato de povos estrangeiros, já com os autóctones era totalmente ao contrário, e sua situação econômica se encontrava atrofiada comparada ao dos deportados.

Os deportados queriam reconstruir a nação através do templo, da centralidade da lei e da pureza étnica. Os autóctones também queriam reconstruir a nação, mas através da restauração do trono de Judá a um descendente de Davi e através da restauração do templo. Pureza étnica era um componente impensável para os autóctones, algo impraticável que não merecia ser cogitado. Somente o templo conseguiu captar a prioridade de deportados e autóctones. A idéia de voltar a adorar no templo aquecia o coração de todos. Mas centralização do culto no templo de Jerusalém tinha necessariamente que resultar em exclusivismo religioso? O que percebemos é que, para os deportados mesclar etnia era um pecado gravíssimo que maculava a constituição da identidade nacional que estava sendo construída naqueles dias (MARIANNO, 2007, p. 67).

Schwantes (2010) afirma que a conjuntura judaica se estruturava cada vez mais formal, onde aproximadamente entre 420 até 330 a.C. ainda prevalecia conjunturas de vidas tribais. Havia um grande crescimento desempenhado pelo sacerdócio que passa a representar a comunidade judaica em negociações com os persas, mas ainda se prevalecia entre os núcleos familiares e tribais “de vida ainda são hegemônicas e não estão substituindo nem por instâncias monárquicas e nem por condições coloniais” (SCHWANTES, 2001, p.79). A pobreza se constitui em Israel, onde homens e mulheres vivem em condições de miséria, e segundo Nakanose; Pedro (2004) o povo seria vítima do desdém tanto da corrupta elite de Judá como do império persa, que em conjunto estaria roubando o pouco que ainda restava.

São os pobres, as mulheres, as crianças, os velhos. Suas dores já não tendem a vir só de suas condições sociais imediatas, mas de seu próprio corpo fragilizado, doente, leproso, marginal, século trás século. [...] Perigos sociais, fome e desmanche de família por toda parte. Por isso, lá vão os

peregrinos em busca de seus irmãos e de suas irmãs, em busca de ajuda para ver como sobreviver (SCHWANTES, 2010, p.80).

E além da fome ainda havia a lepra, uma doença já antiga na Palestina e que segundo Schwantes (2010) nos pós exílio essa doença contagiosa teria se espalhado na população. Dessa forma o podemos ter uma dimensão sobre essa calamidade que se encontrava a população, sobre uma “crescente deterioração das condições gerais de vida” (SCHWANTES, 2001, p.81). Nakanose; Pedro (2004) descreve sobre a ambição e a opressão dos mais ricos sobre os mais pobres que são eliminados se demonstram algum tipo de oposição sobre a violência e corrupção do regime.

#### **2.4. Contexto Religioso**

Segundo Fohrer (2008) com a vitória de Ciro no império babilônico deu a oportunidade para os exilados retornarem para suas terras baseando no que segundo eles será um Estado constituído em meio à direitos iguais para todos. Além do retorno foi concedido o direito de reconstrução do Templo de Jerusalém, porém apenas alguns judeus retornaram para Jerusalém. O comissário em cargo do território foi Sesbazar, indicado pelos persas, sendo esse um descendente de Davi o que foi de grande ajuda para contribuir na construção do templo, como já foi visto com a autora Dias (2007) os autóctones foram enganados com falsas promessas para uma possível reestabelecimento da casa de Davi. Houve assim uma contribuição tanto daqueles que retornaram da babilônia como aqueles que permaneceram para a reconstrução do Templo, que diferente de antes agora sobrevivia sobre as finanças do povo, sendo assim consequentemente pertencente a ele.

Mas tal afirmação de templo de salvação foi sendo desmantelado como uma verdadeira farsa, isso somado com paralisações na reconstrução do Templo, pois aqueles que retornaram deram tudo de si para realizar a reconstrução de suas casas e para seu sustento. Houve, segundo Fohrer (2008) a formação de um movimento na Judeia liberado pelo novo comissário Zorobabel, que em 520 a.C. retomou o controle para continuar a reconstrução do Templo com o apoio dos profetas Zacarias e Ageu. Reconstrução essa que contava com apoio de certos grupos, mas alguns “pareciam questionáveis quanto ao estrito julgamento religioso dos que retornavam, visto que a sua forma de javismo estava permeada de influências estrangeiras” (FOHRER, 2008, p.431), o profeta Ageu atacava tais grupos por meio de dois discursos da lei ritual,

onde o primeiro se baseava em uma pureza cultural que não poderia ser repassada, mas que a “contaminação” dessa pureza seria contagiosa, discursos assim tinham por objetivo “excluir das obras do Templo e do culto aqueles cujo sacrifícios tornaram impuros o lugar sagrado” (FOHRER, 2008, p.431), e manter um exclusivismo do Templo.

Pelo menos uma parte daqueles que foram excluídos, primeiramente os habitantes de Samaria, não aceitou essa conclusão sem resistência. Eles dirigiram primeiro ao competente sátrapa persa, que, em consequência, foi a Jerusalém com a intenção de embargar as obras do Templo. Contudo, visto que o edito de Ciro que permitia a reconstrução foi descoberto nos arquivos persas, a tentativa fracassou. As obras continuam e o Templo estava pronto para ser consagrado no ano 515 a.C., com a grande celebração. Por esta época, porém, Zorababel já não residia em Jerusalém (FOHRER, 2008, p.432).

Foi assim restabelecida a construção do novo Templo no mesmo local do anterior, onde sua forma se tornou tão gloriosa quanto o seu anterior. Fohrer (2008) que havia a divisão na Palestina em dois grupos, um de natureza religiosa composta pelo povo deportado, que durante o exílio teria seguido firmemente os ensinamentos da Lei, recusando a quaisquer influências externas, se compondo por associações messiânicas juntamente com valores nacionalistas. Consolidando assim um grupo com uma posição mais teocrática e sacerdotal, que tinha por preocupação a propagação da comunidade.

Nakanose; Pedro (2004) retrata que a teocracia judaica se consolidava, mais a cobrança da lei do impuro e do puro era aplicada com mais rigidez, isso juntamente com a cobrança de impostos na vida do povo.

A cobiça dos ricos e poderosos não tem medida quando se trata de garantir os próprios interesses: *os injustos arrancam o orfão do peito materno, e penhoram a roupa do pobre* (Jó 24, 9). As famílias pobres, exploradas pela dupla tributação, que sustenta o Templo e os persas, andam famintas e desabrigadas (58, 6-7). Na cidade e no Campo, pessoas moribundas gemem, e as que estão feridas pedem socorro (Jó 24,12). É como diz o ditado popular: “O povo entrou no fundo do poço”. Mas nos subterrâneos da humanidade, naquelas e naqueles que a sociedade considera o lixo do mundo, o sagrado se manifesta... O povo experimenta a presença humana de Deus (NAKANOSE; PEDRO, 2004, p.33).

O autor trata sobre a ganância exercida por sacerdotes e escribas e seus governadores sobre o povo que já se encontrava empobrecido, e se vê sendo oprimido por aqueles que deviam fazer o contrário.

Segundo Marianno (2007) é através da colaboração entre as diversas subdivisões tanto entre deportados quanto entre os autóctones que passam por

alterações na prática religiosa. E o zoroastrismo exercido pelos persas não tinha por objetivo proselitista, onde se consentia com as demais religiões, como o politeísmo da Grécia e dentre a Babilônia. E esse consentimento contribuía para que houvesse uma solidificação na religião monoteísta exercida pelos judeus, que foi mantida pelos deportados através da união e pela prática mais rigorosa na leitura dos textos sagrados, e sobre as tradições proféticas.

Ritos como a guarda do sábado e a circuncisão, que nunca haviam sido tão obedecidos tornaram-se afirmação de identidade deste grupo diante de outras nações. A necessidade de se afirmar uma identidade num contexto multicultural internacional é que se este grupo não se afirmar, ele desaparece (MARIANNO, 2007, p. 67).

Já entre os autóctones atos como esses não faziam diferença, mas para os deportados era de grande importância visando que eles precisavam deste meio para afirmarem sua identidade e foi o que fez com que suportasse a diáspora se agarrando a utopia do resgate e do retorno a terra de seus pais. Já com os autóctones adoravam a YHWH em meio a um sincretismo, que após a reforma de Josias não tinha muitas variações de cultos disponíveis. Marianno (2007) explica que a tentativa de aplicar o monoteísmo por Josias não teria conseguido acabar com “os outros cultos porque sempre existe uma grande diferença entre a religião oficial e a religiosidade popular” (MARIANNO, 2007, p. 68).

O javismo oficial é caracterizado por uma assimetria de gênero, onde o grupo hegemônico é masculino. Homens são os detentores e mantenedores da instituição religiosa no javismo oficial. Esta constatação leva à inferência de que as mulheres constituem outro grupo religioso popular. Mulheres praticam formas de religiosidade que podem diferir das convenções oficiais androcêntricas [...] religião normativa é aquela que está prescrita nos textos bíblicos, editados por um grupo sacerdotal que quer instituir normas e práticas, mas cujo conteúdo não reflete a realidade da religião popular que é praticada pela maioria do povo [...] que está às margens do culto estabelecido, vinculada às nebulosas práticas da superstição [...] Muitas vezes as mulheres são apresentadas como agentes subversivas, transgressoras da religião oficial (Dt18,10-11; Ex 22,18; Is57,3; Ez 8,14; 13,17-23). Também a referência aos teraphins aparece relacionada com as atividades de mulheres (Gn 31,14-42; Jz 17). Todos estes textos não são uma prova de cultos caseiros dirigidos por mulheres, mas estão ligados à práticas caseiras, familiares, onde as mulheres têm maior acesso e protagonismo do que no culto oficial e público do templo ou dos santuários [...] a interação [entre religião nacional e familiar] é conflituosa na medida em que o Estado tem interesse de diminuir o poder dos grupos familiares em questões políticas e econômicas” (MARIANNO, 2007, p. 68-69).

Segundo Marianno (2007) haviam-se denúncias vindas de Ezequiel sobre outros ídolos que eram adorados pelo povo e por anciãos, “mulheres prestavam culto à Tamuz (8,14) e homens adoravam o sol (8,16)” (MARIANNO, 2007, p. 69), nos

sugerindo assim centralização do sincretismo no templo de Jerusalém, não sendo aceito pela população o modelo no monoteísmo proposto por Josias. Contrariando esse programa de centralização cultural, a população adotou um sincretismo cultural, que segundo Fohrer (2008) teria sido atacado pela elite judaica com a ajuda persa, no decreto pascal de Dario II (419 a.C.). O Templo foi então destruído por volta de 419 a.C. por estímulos vindos de sacerdotes egípcios, vindo a ser reconstruído antes de 402 a.C., e por fim sendo destruído anos mais tarde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo para o povo hebreu do exílio e do pós-exílio pode ser visto como um processo de construção de suas individualidades, seja no meio social ou religioso, e como teria sido a incorporação desse imaginário no meio coletivo do povo. O exílio foi sofrido pelos deportados como uma aprovação da Aliança firmada por YHWH, e que foi restaurada com ênfase nas palavras do profeta, que seria aquele chamado pelo Senhor para trazer ao povo de Israel esperança, para haver assim a liberação. Entendemos que o período exílico narrado no Dêutero-Isaías aborda todo sofrimento, dor, por estar vivendo em terras estrangeiras, longe do Templo e de seu povo. Mesmo em terras estrangeiras e com grande influência de outros povos e culturas, o povo hebreu ainda conseguiu preservar suas tradições.

Eles entendem o retorno para sua terra no pós-exílio por volta de 520 a 400 a.C. como uma resposta de YHWH. Um Deus que ouviu o clamor do seu povo. Eles viram esse cuidado de YHWH como recompensa por seguir seus princípios. Porém ao retornarem dão de cara com a cidade e o Templo em ruínas, sinal que o povo que permaneceu naquele lugar não praticava o seguimento das Leis de YHWH com a mesma rigidez e intensidade que eles. O que desperta um sentimento de ser eles o povo escolhido por YHWH, o verdadeiro Israel.

É instaurado assim, a reconstrução do Templo mesmo entre atrasos, que contou com a ajuda de todos, como o dos deportados quanto dos autóctones que foram tomados por falsas promessas de uma possível reconstrução do império por meio de descendentes de Davi. Foi instaurado em Jerusalém uma teocracia, o poder econômico, político e social estava fomentado no Templo e na Lei.

Os autóctones por serem em partes por famílias camponesas e mais necessitadas, eram exploradas pela elite de Judá como pelo império persa que se utilizavam de um discurso vazio baseado na lei puro e do impuro, e aqueles que conseguiam realizar o pagamento de tributos e outros requisitos sobre as Leis do Templo ganharam a salvação Divina. As mulheres durante esse processo sofrem grandes papéis de perseguição, pois seu corpo é tido como algo impuro o que as leva uma vida de reclusão dentro do seu núcleo familiar.

Percebemos assim um culto vazio, baseado apenas na exploração e na beneficiação da elite, pois para as famílias mais pobres era de extrema dificuldade

arrecadar algumas moedas até para o seu sustento. Entravam assim em grandes dívidas por meio de empréstimo para obterem mais produtos para assim haver um aumento de vendas. Esse contexto marca uma grande diversidade cultural, o que vai de encontro a tentativa de preservação dos deportados, que de fato conseguiram manter seus traços culturais mais rigidamente em comparação aos autóctones, que depois da destruição de Jerusalém houve uma grande miscigenação entre os diferentes povos que lá permaneceram.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras de Referência

SARMENTO, F. J. M. **Dicionário de Estudos Bíblicos**. São Paulo: Rideel, 2011.

### Fontes Textuais

BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2001.

### Referências Bibliográficas

AGUIAR, S. M. **Os Semitas Nas Terras Dos Egípcios – Uma Síntese De Suas Relações Da 12a À 20a Dinastia**. Revista Mosaico, v. 12, p. 370-389. Goiás, 2019.

ANDRADE, Claudionor. **Geografia Bíblica**. CPAD: Rio de Janeiro, 1987.

BARRET, Rejane. PIEPPER, Jordana. **Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero**. v. 9, n. 18, 2010. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1335>> Acesso em: 11 de novembro de 2019.

BINGEMER, M. C. **Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo**. São Paulo: PUC Rio, 2001.

BRIGHT, Jonh. **História de Israel**. Tradução: Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2003.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

CALAZANS, Francisco. **História cultural e história da educação**. Revista Brasileira de Educação, v.,11 n. 32, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a11v11n32.pdf>> Acesso em: 11 de novembro de 2019.

CASTRO, Flávia Lages. **História do direito Geral e Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

COLLI, Gelci. **Dinâmicas Proféticas no Prólogo de Dêutero-Isaías: Exegese de Isaías 40,1-11**. São Bernardo do Campo: 2006, Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/355/1/Gelci%20Andre%20Colli.pdf>> Acesso em: 04 de novembro de 2019.

CROATTO, José Severino. **Isaías- a palavra profética e sua releitura hermenêutica**. Vol. II: 40-55 A libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUHM, Bernhard. **Israels Propheten**. Tübingen: Paul Siebeck, 1922.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Ed. Academia Cristã: Paulus, 2008.

GARMUS, Ludovico. **Criação e história em Is 40-55. Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, nº 89, p. 44-59. 2006.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia: exílio Babilônico e dominação Persa**. V. 5. 3ª edição. São Paulo: Paulus e CEBl, 2007.

GOMES, W.M. **Os Últimos Anos do Reino do Norte (Da Guerra Siro-Efraimita à Queda de Samaria) Na Pesquisa Recente**. Departamento de Teologia. Rio de Janeiro:2014. Disponível em:<[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2014/resumos\\_pdf/ctch/TEO/TEO-2937\\_Willian%20Gomes%20Mendon%C3%A7a.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2014/resumos_pdf/ctch/TEO/TEO-2937_Willian%20Gomes%20Mendon%C3%A7a.pdf)>. Acesso em: 7 set. 2020.

GRAHL, PRISCILA PUGSLEY. **Cultura e poder na Palestina Arcaica: As Leis de guerra dos hebreus Deuteronômio XX**. Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Dalledone Siqueira. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná., Curitiba, 2002. Disponível em:<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24643/D%20-%20GRAHL;jsessionid=6F9837777C6EF9D3049349370A90F1E6?sequence=>>>. Acesso em: 7 set. 2020.

HARRISON, Chris. **Visualização da Bíblia**. Disponível em: < <http://bibviz.com/>> Acesso em: 15 de março de 2019.

HONOR, André. **Burke e a Nova História Cultural**. Pergaminho - revista eletrônica de história, n. zero, p.147-156, 2005. Disponível em:<[http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Honor-Resenha\\_livro\\_Burke\\_Historia\\_Cultural.pdf](http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Honor-Resenha_livro_Burke_Historia_Cultural.pdf)> Acesso em: 11 de novembro de 2019.

KESSLER, Rainer. **História Social do Antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.

KOCHMANN, R. S. **O Lugar da Mulher no Judaísmo**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos da Religião Nº 2, 2005.

LEÓN-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Tradução: Simão Voigt. Editora Vozes, 2009.

LIMA, M. L. C. **O livro do profeta Isaías**. In: Geraldo Luiz De Mori. (Org.). *Theologica Latinoamericana*. 1ed.:, 2019, v. , p. 2-.

LOURDES. M. C. **O livro do profeta Isaías**. PUC Rio. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1752>> Acesso em: 21 de setembro de 2020.

MARIANNO, Lília Dias. **A Ameaça Que Vem De Dentro-Um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no pós-exílio em perspectiva de gênero**.

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: 2007. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/424/1/Lilia%20Dias%20Marianno.pdf>> Acesso em: 02 de novembro de 2020.

MAXWELL, Vrac, PUC Rio. **A situação do pós-exílio e a visão acerca do estrangeiro em Is 56,1-8.** Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8154/8154\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8154/8154_4.PDF)> Acesso em: 15 de março de 2019.

MESTERS, Carlos. **A missão do povo que sofre - tu és meu servo!**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. **Como ler o Segundo Isaías 40-55. Da semente esmagada brota nova vida.** São Paulo: Paulus, 2004.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. **Como ler o Primeiro Isaías 1-39. Confiar em Javé, O Santo de Israel.** São Paulo: Paulus, 1999.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula; TOSELI, Cecília. **Como ler o Terceiro Isaías 56-66. Novo céu e Nova Terra.** São Paulo: Paulus, 2014.

NEGRO, Mauro. **Em Mamrê, a visita da promessa- Um estudo de Gênesis 18, 1-15 e suas perspectivas teológicas e éticas.** Orientador: Dr. Matthias Grenzer. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18313/1/Mauro%20Negro.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2020.

OLIVEIRA, Douglas. **Quando Deus se tornou um: A origem Deuteronomista na unificação de Iahwe e Elohim.** Fragmentos de Cultura. v. 24, n. 3, p. 337-347. Goiânia:2014.

PAULOILHA. Torá. Disponível em: <<http://www.pauloilha.com/estudos/judaismo/tora.pdf>> Acesso em: 15 de março de 2019.

PEDROSO, Claudemir. **Estudos Bíblicos – O Conhecimento da palavra de Deus -** São Paulo: DCL, 2010.

PERONDI, Ildo. **Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto.** Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral. Curitiba: vol. 3, n. 1, pp. 205-219, 2011.

PIXLEY, Jorge. **A história de Israel a partir dos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1989.

REIMER, Haroldo. **Monoteísmo e Identidade.** Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia. Volume 16. Goiânia: 2008.

ROSA, José. **Judaísmo Tardio e Helenismo**. Revista Geopolis, Lisboa, n. 4, p.44-67, 1997. Semestral. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4158>> Acesso em: 03 de novembro de 2019.

SALIBA, Marco. **Estudos Bíblicos- O conhecimento da palavra de Deus**. São Paulo: DCL, 2013.

SCHWANTES, Milton. **Sufrimento e esperança no exílio - História e teologia do povo de Deus no século VI a. C.** São Paulo: Paulinas, 2007.

SCHWANTES, Milton. **Breve História de Israel**. São Paulo: Oikos, 2010.

SHAHAK, Israel. **História Judaica Religião Judaica: Peso de três mil anos**. Lisboa: Hugin, 1997.

SILVA, Rosemary Francisca Neves. **O Servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2014. 156 p. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1752](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1752)>. Acesso em 27 de abril de 2016. 20h47min.

SOARES, Joacir. **O Dêutero-Isaías**. Webartigos: 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-deutero-isaias/17511>> Acesso em: 04 de novembro de 2019.

VASCONCELLOS, Pedro L.; SILVA, Valmor. **Caminhos da Bíblia: uma história do povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VITÓRIO, Jaldemir. **Consolar: missão profética no exílio A ação do Dêutero-Isaías junto aos israelitas na Babilônia**. ReBiblica, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 93-105, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/ReBiblica/article/view/30149/1713>> Acesso em: 04 de novembro de 2019.

WEYNE, Monique Webler. **A Investida de Nabucodonosor contra Judá: Aproximação e Conflitos dos dados Bíblicos e Extrabíblicos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Goiânia, 2010. p.16. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2010/relatorios/ctch/teo/TEO-Monique%20Webler%20Weyne.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/teo/TEO-Monique%20Webler%20Weyne.pdf)>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.